

[ **CORREIO BRAZILIENSE** ]

BRASÍLIA, SÁBADO, 21 DE ABRIL DE 2007

# Eles são Brasília







**No aniversário de 47 anos da capital, o Correio mostra como os moradores nascidos aqui se relacionam com a cidade que tinha jeito brejeiro e adquire ares de grandes centros urbanos. A seguir, as memórias da infância, a ascensão profissional, a trajetória de quem nasceu, cresceu, formou família e pretende viver por muitos anos na metrópole**





# A CAPITAL FEITA PELOS BRASILIENSES

**“Como nasceu Brasília?  
A resposta é simples. Como  
todas as grandes iniciativas,  
Brasília surgiu quase de um nada”**

**JUSCELINO KUBITSCHEK**

Há cidades que inventam homens e há homens que inventam cidades. As duas primeiras capitais do Brasil pertencem à primeira categoria. Criaram povos à imagem e semelhança do cenário que lhes cerca. Salvador moldou sua gente com o rebolado e a mansidão dos mares baianos. O Rio de Janeiro emprestou ao carioca a beleza e a malandragem de uma paisagem mutante que ora se esparrama em praias, ora se pendura em montanhas. Brasília pertence a outra cepa. É uma invenção humana esculpida pelas mãos desterradas de 30 mil peões que em três anos e dez meses transformaram o nada em metrópole modernista.

O Distrito Federal nasceu em 21 de abril de 1960, com 137.083 habitantes, 176 médicos, 93 dentistas, 22 juízes, 53 músicos, 69 domésticas, 16 lixeiros, 1.421 militares, 20 atores e um clima de babel tropical. Cinco meses depois da inauguração a cidade

Arquivo/Arquivo Público do DF



de porteiros, professores, cozinheiros, doutores, advogados, cabeleiros, funcionários públicos... Todos herdeiros do governante que, na manhã de 21 de abril, encerrou cinco séculos de um Brasil debruçado sobre o Atlântico.

**“Neste dia – 21 de abril – consagrado ao alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, declaro, sob a proteção de Deus, inaugurada a cidade de Brasília, capital dos Estados Unidos do Brasil”.**

**JUSCELINO KUBITSCHEK**

Brasília chega à maturidade com 2.333.108 habitantes bem diferentes de seus antepassados. Hoje 47% dos moradores são homens. Há 47 anos Brasília era uma espécie de harém às avessas – um paraíso para quem usava saias. Havia apenas 8.068 mulheres solteiras com mais de 15 anos de idade. Eram disputadas a tapa pelos 36.296 jovens casadoiros que perambulavam por aqui.

A parte o fantasma da traição, quem decidia casar tampouco vivia no melhor dos mundos: \$4 3.123 casan fiavam geladeira e apenas 1.349 famílias destru-



que em três anos e dez meses transformaram o nada em metrópole modernista.

O Distrito Federal nasceu em 21 de abril de 1960, com 137.085 habitantes, 176 médicos, 93 dentistas, 22 juízes, 53 músicos, 69 domésticas, 16 lixeiros, 1.421 militares, 20 atores e um clima de babel tropical. Cinco meses depois da inauguração a cidade abrigava 24.677 goianos, 24.419 mineiros, 13.519 baianos, 12.518 cearenses, 7.293 cariocas, 6.898 paulistas, 998 gaúchos e outros 36.782 compatriotas dos mais variados confins. Todos deixaram para trás casas, raízes, sotaques, para erguer do barro vermelho a sede política do maior país da América Latina. Conseguiram muito mais do que isso.

Os pioneiros ensinaram seus filhos a amar uma terra que queima no outono e encharca no verão, criaram as primeiras gerações de nativos e transformaram brasileiro em identidade. O primeiro censo do DF, realizado em setembro de 1960, mostra que apenas 5.918 moradores haviam nascido nessas paragens. Eram 5.918 meninos e meninas, todos com menos de quatro anos, muitos deles concebidos durante os anos da construção. Menos de meio século depois, o percentual de nativos pulou dos 5,65% iniciais para 46,3%. São homens, mulheres e crianças que aprenderam com seus antepassados a transformar sonhos em prédios, rebeldia em cidadania, acampamento em metrópole.

O **Correio Brasileiro**, jornal gêmeo de Brasília, festeja seu 47º aniversário com uma homenagem a esses brasileiros da gama que, com talento, suor e alegria seguem construindo a interminável obra de JK. Durante duas semanas jornalistas e fotógrafos, 18 deles tão brasileiros quanto seus personagens, acompanharam o cotidiano de profissionais nascidos e criados nas terras outrora ocupadas pelos valentes índios avacanoeiros. O resultado: histórias

**NO CONJUNTO DE FOTOS DESTA PÁGINA, UM POUCO DA HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA: OBRA DE FORASTEIROS QUE, POR NECESSIDADE OU APENAS DESEJO, PLANTARAM AQUI SUAS RAÍZES**

#### Expediente

##### Diretor de Redação

Josimar Gmenez  
(jgmenez@correioweb.com.br)

##### Editora-chefe

Ana Dubeux  
(anadubeux@correioweb.com.br)

##### Editor-executivo

Carlos Marcelo  
(carlosmarcelo@correioweb.com.br)

##### Editor de Suplementos

Renato Ferraz  
(renato.ferraz@correioweb.com.br)

##### Coordenador

Rovênia Amorim

##### Edição

Carlos Alexandre, Carlos Tavares,  
Leonardo Cavalcanti,  
Renato Ferraz e Rozaine de Oliveira

##### Edição de Arte

José Bosco Adelfino de Almeida  
(jba.bosco@correioweb.com.br)

##### Edição de Fotografia

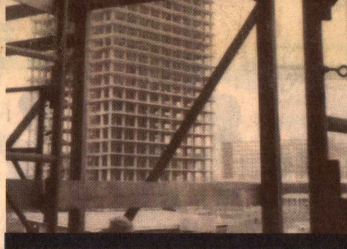
Luis Tajés  
(luis.tajes@correioweb.com.br)

##### Revisão

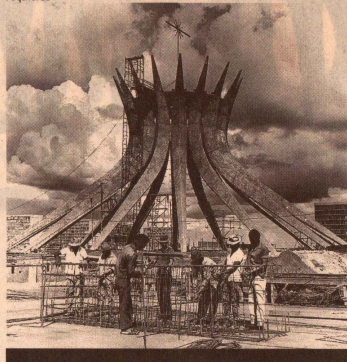
Martuce Moreira Salgado

##### Pesquisa fotográfica e de textos

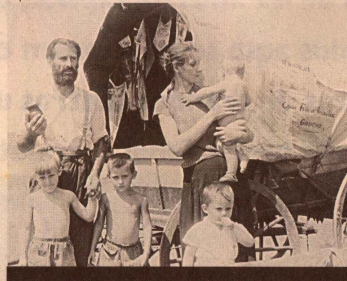
Cedro/CB



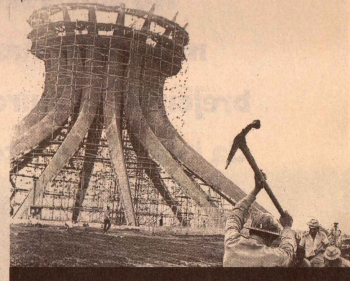
Arquivo/CB



Arquivo Público do DF



Arquivo/CB



**“Desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada com fé inquebrantável uma confiança sem limites no seu grande destino”**



[ CORREIO BRAZILIENSE ]

*No aniversário da cidade, este é o  
nosso presente.*

VIA TERRAZZO

RUA 28 SUL, LOTES 6 E 8 - ÁGUAS CLARAS

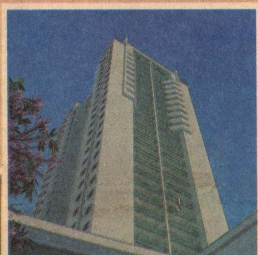
*lançamento*

AMBIENTES  
100%  
EQUIPADOS E  
DECORADOS

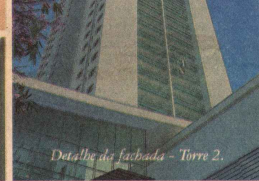
Piscina coberta e aquecida com raia de 25m.

27 anos  
de tradição,  
solidez e  
pontualidade

*O mais moderno e completo residencial de Brasília  
por até 50% do preço do Plano Piloto.*







Pórtico de entrada com porte-cobêre.

Detalhe da fachada - Torre 2.

## 4 quartos com opção de ampla varanda gourmet equipada e sala de almoço. Até 3 vagas.

Mapa de localização



Projeto diferenciado com 147 a 199m<sup>2</sup> e coberturas top-bonus com até 311m<sup>2</sup>. Tecnologia Via, sistema de segurança digital, elevadores modernos com geradores próprios, previsão para aquecimento central de água a energia solar com complemento a gás e infra-estrutura para medição individual. Entrega em maio de 2010.

### Clube-condomínio com 11.000m<sup>2</sup> de lazer, natureza e segurança.

Mais de 40 ambientes para crianças, adolescentes, adultos e até para o seu animal de estimação.

- Tribo ecológica e pomar
- Espaço gourmet e espaço cinema com lounge
- Piscina adulto com hidros e raia de 38m
- Piscina infantil, borçário e brinquedoteca
- Pista de skate e playground ao ar livre
- Lan house e sala de estudos
- Sala de festas adulto e infantil
- Praça de encontro, espaço zen e gazebo
- Quadra de squash
- Mini-quadra poliesportiva
- Garage hand
- Espaço beleza, spa e massagem
- Pet care e car wash
- Fitness Reebok com sala de aeróbica
- Sala de jogos adulto e infantil
- E muito mais...

Acesse agora [www.viaterrazzo.com.br](http://www.viaterrazzo.com.br), conheça as opções de planta e assista ao tour virtual do empreendimento.

Planos personalizados com financiamento direto em até 72 meses e bancário em até 240 meses\*.

VISITE NOSSA CENTRAL DE VENDAS NA AV. CASTANHEIRAS PRÓXIMO À RUA DAS PAINEIRAS EM ÁGUAS CLARAS. PONE 3435-5797

[www.grupovia.com.br](http://www.grupovia.com.br) Informações on-line

INCORPORAÇÃO E CONSTRUÇÃO



Vendas  
**3363-4901**

CEGO 01787 - FILIAL A ANDRÉ  
[vendas@grupovia.com.br](mailto:vendas@grupovia.com.br)

CENTRAIS DE VENDAS SUDOESTE - SQSW 300 (em frente ao Sator Gráfico) - 3341-1100  
ASA NORTE - SQN 110, Bloco A - 3272-8035 • ÁGUAS CLARAS - Av. Castanheiras com Rua das Paineiras - 3435-5797





# HERDEIRO dos candangos

Wenderson Araújo/Especial para o CB



WENDERSON CARDOSO, OPERADOR DE BETONEIRA NASCIDO NA ASA NORTE E MORADOR DE PLANALTIMA: SALÁRIO DE R\$ 600 PARA LEVANTAR SONHOS, INCLUINDO O DE DAR ESTUDO PARA A FILHA

**ONDE NASCEU:**  
Hospital Regional da Asa Norte (Hran)

**ORIGEM FAMILIAR:**  
Pai e mãe baianos

**LEMBRANÇA DE INFÂNCIA:**  
"Quando criança, brincava no Parque da Cidade. A gente corria e se escondia entre os pinheiros"

**O QUE GOSTA EM BRASÍLIA:**  
Da Esplanada. "Tenho a sensação de liberdade quando passo por lá".

**Assim como os trabalhadores que ergueram a capital há 47 anos, o operário da construção civil Wenderson Cardoso se orgulha dos prédios que ajudou a erguer**

MARCELO ABREU  
DA EQUIPE DO CORREIO

**H**oje, dia 21, aniversário de Brasília, ele vai levar a filha de um ano e sete meses para ver a grande obra que ajudou a construir: o Complexo Brasil 21, ao lado do Parque da Cidade. Dirá à única filha que ele esteve ali, viu o conjunto de prédios gigantes ser erguido. No dia da inauguração, claro, não podia faltar. Não estará no meio das autoridades engravatadas. Não sairá na foto de gente importante. De algum lugar, lá estará ele, sem o uniforme de operário, sem capacete, segurando a filha nos braços.

Wenderson Souza Cardoso nasceu no Hospital Regional da Asa Norte (Hran) há 23 anos. Os pais, baianos, tempos depois voltaram para a Bahia. O menino, para estudar, ficou

messa de não deixar a escola. Os pais, mesmo longe, torciam para que esse pudesse ser "alguém na vida". Terminou o ensino fundamental. E arrumou emprego na construção civil. Há cinco anos, virou operário. Mais: especializou-se em operador de betoneira.

Empregado, casado e com salário de R\$ 600 mensais, era hora de procurar morar à própria vida. Com dificuldade, alugou uma casa em Planaltina-DF. Fez dali o seu palácio. Sentiu que o destino estava em suas mãos. E não mede esforços para dar o conforto necessário à família. Acorda antes das 6h. As 7h tem que estar na obra. Trabalha até as 17h. E volta para casa louco para ver a filha e a mulher.

Conta-lhes as novidades do dia. Diz que o prédio está cada vez mais bonito. E que um dia, de preferência num domingo, levará as duas para passear. É bom porque, depois de ver o prédio que ajuda a erguer, pode levá-las para um passeio pelo Parque da Cidade, que vê todos os dias mas nunca pode ir. E, quando a sede estiver a toda, um bom caldo-de-cana na Torre de Televisão é a pedida. Da Torre, avistará a Esplanada. E, no fim da tarde, voltará, de ônibus, a Planaltina com a sensação de terem feito o maior passeio de suas vidas.

O operário que nasceu em Brasília adora passear pela

como, há 47 anos, tanta coisa foi feita graças ao esforço dos 30 mil candangos que trabalharam no canteiro da nova capital. Lembra dos trabalhadores que dedicaram a vida para construir uma nova capital, um novo rumo para o futuro do país.

E ama, ama de paixão, a Praça do Relógio, em Taguatinga. "Lá a gente vê as pessoas, tem gente sempre. É como uma cidade do interior, onde o povo se cumprimenta", compara. Um sonho? "Nunca deixar faltar nada para minha família. Dar estudo pra minha filha". E um desejo pessoal? "Gosto de trabalhar na construção civil, mas queria mesmo, um dia, ser advogado, virar um funcionário público. Trabalhar num prédio bonito."

Depois de terminado o prédio que ajudou a construir, no coração de Brasília, Wenderson partirá para mais uma empreitada. Uma nova obra, em algum lugar, será erguida. E lá estará ele, juntando sonhos e acreditando que dias melhores sempre virão. À noite, exausto, quando voltar para casa, contará as novidades para a família. E assim tocará a obra da própria vida, talvez sua melhor construção. "Morei um tempo na Bahia, mas acabei voltando pra cá. Gosto de Brasília, aqui as condições de trabalho são melhores. Dá para planejar o futuro", admite o brasileiro



gigantes se erguido. No dia da inauguração, claro, não podia faltar. Não estará no meio das autoridades engravatadas. Não sairá na foto de gente importante. De algum lugar, lá estará ele, sem o uniforme de operário, sem capacete, segurando a filha nos braços.

Wenderson Souza Cardoso nasceu no Hospital Regional da Asa Norte (Hran) há 23 anos. Os pais, baianos, tempos depois voltaram para a Bahia. O menino, para estudar, ficou na casa de uma tia, no Cruzeiro Novo. Levou a sério a pro-

um passeio pelo Parque da Cidade, que vê todos os dias mas nunca pode ir. E, quando a sede estiver a toda, um bom caldo-de-cana na Torre de Televisão é a pedida. Da Torre, avistarão a Esplanada. E, no fim da tarde, voltarão, de ônibus, a Planaltina com a sensação de terem feito o maior passeio de suas vidas.

O operário que nasceu em Brasília adora passear pela Esplanada. Admira os prédios, os palácios e se pergunta

#### ONDE NASCEU:

Hospital  
Maternidade L2 Sul,  
hoje Hospital  
Regional da Asa Sul.

#### ORIGEM FAMILIAR:

Pai fluminense,  
mãe pernambucana

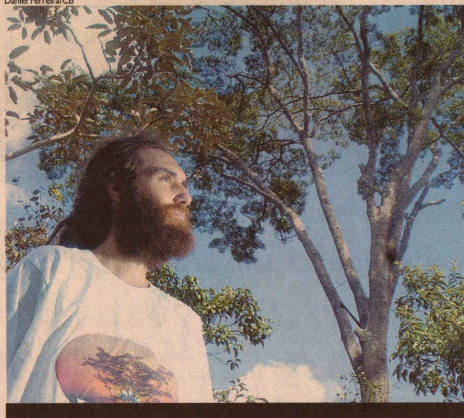
#### LEMBRANÇA

DE INFÂNCIA:  
Andar de bicicleta  
com a família no  
Lago Sul.

#### O QUE GOSTA

EM BRASÍLIA:  
UnB. "Foi lá que me  
formei e conheci  
pessoas muito  
importantes na  
minha vida."

Daniel Ferreira/CB



04

BRASÍLIA,  
SABADO,  
21 DE ABRIL  
DE 2007

**A Fiança se orgulha em contribuir para o desenvolvimento da nossa Capital, prestando serviços nas áreas de segurança, limpeza e conservação em empresas pública e privada de todo o Distrito Federal. Trabalhamos para que a nossa qualidade faça o sucesso do nosso cliente.**

**Primeira empresa de Serviços Gerais e de Segurança a obter a Certificação ISO 9001-2000.**



**"Nós fazemos a diferença"  
ISO 9001-2000**

# O VIGILANTE da natureza

**Claudio Jacintho vê Brasília de uma forma diferente, pelas suas árvores retorcidas e áreas preservadas. Na chácara onde mora, as casas são de barro e os telhados de grama**

#### DA REDAÇÃO

**A**s curvas sinuosas das obras do arquiteto Oscar Niemeyer definem os cartões postais de Brasília. Por ano, cerca de 1 milhão de turistas visitam a cidade e se encantam com o concreto criativamente erguido. No entanto, há pessoas que preferem o verde ao cinza e, no lugar das curvas monumentais, buscam inspiração na tortuosidade das árvores do cerrado. "A terra não pertence ao homem. O homem, sim, pertence a terra." Os versos da música *Tudo é Sagrado*, de Kátia Pinheiro e Rosane De Martin, poderiam representar a constante busca de um desses brasileiros pela integração entre homens e natureza, a do engenheiro florestal Cláudio Jacintho. Aos 29 anos, suas raízes no solo da capital são profundas.

"Nunca fui de esbanjar dinheiro, comprar coisas importadas ou 'roubar' o carro dos meus pais. Não costumava brincar com os garotos da minha rua", conta CJ, que passou a adolescência no Lago Sul. A melhor lembrança daquela época é a dos passeios de bicicleta que fazia pelas ruas do bairro.

Em 1983, a família Jacintho comprou um terreno de quatro hectares, há 25 km do centro de Brasília. Cláudio lembra das palavras do pai para os filhos: "um dia vocês poderão morar aqui". E ele acertou. Mas talvez não imaginasse que as casas seriam de barro, madeira e bambu, os telhados de grama, que o abastecimento de água viria da chuva e que os banheiros, denominados "secos", neste mesmo usariam sistema de esgoto. A chácara, batizada de Asa Branca, tornou-se uma ecovila e hoje é um dos principais cen-

tros de permacultura — sistema que concilia técnicas ancestrais a modernos conhecimentos científicos ligados à ecologia. Lá, praticamente todas as atividades são realizadas dentro do ciclo natural da matéria. Tudo o que é retirado da terra volta para a mesma em forma de vida.

Chegar à Asa Branca significa conhecer um lado de Brasília que se perdeu ao longo destes 47 anos. No caminho, o belo cerrado nativo, de árvores retorcidas, vários tons de verde e espécies variadas de plantas e animais, contrasta com os quintais de grama rasa e mangueiras de jardim dos condomínios da região. Hoje, moram na chácara as famílias de Cláudio e do irmão, Leandro. "Para mim, o melhor lugar de Brasília é aqui", afirma CJ.

Mas na sua trajetória de vida, o tempo na Universidade de Brasília (UnB) também marcou. Durante os anos que passou entre uma aula e outra, Cláudio desistiu da engenharia mecânica, optou pela florestal. "Compreendi que a natureza estava sendo usada como mero substrato para que a espécie humana tomasse conta do planeta, em detrimento de outras formas de vida e até do próprio homem", argumenta.

Hoje, Cláudio é técnico do Ministério da Agricultura e, paralelamente, coordena o Instituto de Permacultura, Organização, Ecovilas e Meio Ambiente (Ipoema), do qual foi o idealizador. O Ipoema conta com 40 associados que planejam e executam projetos e cursos de bioconstrução, agrofloresta e outros assuntos relacionados à permacultura. "Este ano, vamos nos aproximar das escolas do DF. Queremos mostrar que existe uma alternativa segura, justa e sustentável para elas", conta.





Há 17 anos a professora da rede pública Ednalva Monteiro dedica-se ao ensino na Escola Classe 5 de Brazlândia. Para ela, não há maior satisfação do que ver uma criança progredir na alfabetização

# LICÇÕES

## de uma cidadã

MARCELO ABREU  
DA EQUIPE DO CORREIO

Quando ela nasceu, o Hospital ainda se chamava Hospital Distrital. Tempos depois, virou Hospital de Base de Brasília (HBD). O pai, um entregador de gás, e a mãe, uma dona-de-casa, vibraram. Até completar dois anos, a família morava na Vila Matias, em Taguatinga. Mas uma dia, a invasão foi removida. E todos foram para Brazlândia, um lugar a 60 km do Plano Piloto e que, na época, nem asfalto tinha. A água era de chafariz. E as roupas lavadas no rio, com o balde na cabeça.

Mas lá se foi a menininha, junto com os pais e os três irmãos. Era o começo de tudo. O início da vida de Ednalva Josefa do Carmo Monteiro, hoje com 37 anos, católica praticante, casada, professora primária e um bairrião de seis meses à espera do primeiro filho, que se chamará Arthur. Em Brazlândia, a menina cresceu. Brincou de salve latinha, bandeirinha e de ser professora. E um dia levou a brincadeira a sério. Tornou uma delas, como aquelas que lhe ensinaram as coisas. Estudou a vida toda em escola pública, cur-

sou o normal e formou-se em pedagogia na Universidade de Brasília (UnB).

Há 17 anos, dá aula no mesmo lugar, a Escola Classe 5. É apaixonada pela profissão. "No final do ano, ver a criança lendo, escrevendo o nome e contando histórias é algo emocionante", reflete. Na sala de aula, os 28 alunos da 2ª etapa da tia Ednalva rasgam elogios à professora. Gritam por ela. Acalentam-na. Chamam-na de bonita. Ela sorri, tímida, como se fosse a primeira vez que entrasse naquela sala. E jura nunca abandonar a profissão que escolheu para chamar de sua: "Educação é para sempre. Mesmo com toda dificuldade que enfrentamos, é uma paixão. Me dá prazer", constata a servidora pública, que integra o contingente de 28 mil professores na rede pública de ensino do DE.

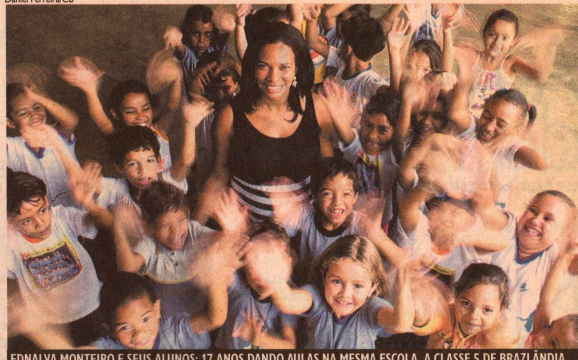
Na escola onde dá aula faz quase duas décadas, o filho que carrega na barriga também estudará. "Já escolhi até a professora dele. Ela quer se aposentar, mas eu disse pra esperar mais um pouquinho", brinca. Ednalva trabalha pela manhã e à tarde. À noite, em casa, fica imaginando como pode fazer a aula do dia seguinte mais agradável. Inventa teatrinhos, gincanas e passeios pela bucólica Brazlândia. Não contente, ainda arruma tempo para fazer pós-gradua-

ção em libras — linguagem de sinais dos surdos. "A inclusão é um direito da criança", observa.

Nas horas de folga, Ednalva e o marido gostam de passear em Brasília. "Vamos ao teatro, ao cinema e aos shoppings, já que aqui não tem nada disso. Pelo menos uma vez por semana, estamos lá", conta. Vontade de mudar da cidade onde mora desde criança? "Não, para criar filhos, aqui ainda é um paraíso, tem calma, tranquilidade. As crianças ainda brincam nas ruas." E Brasília, que conceito a professora tem da capital onde nasceu? "Conheço outros lugares, mas não tem cidade mais bonita que ela. Brasília tem uma luz própria. Sou encantada por ela."

É quase meio-dia. A aula está acabando. A professora, com sua enorme barriga, despede-se dos alunos. Eles sabem que, no dia seguinte, ela estará lá, na porta de entrada, à espera deles. A 60km da capital, a professora que nasceu bem no meio de Brasília, no antigo Hospital Distrital, reinventou a vida num lugar onde as pessoas ainda colocam a cadeira na porta da calçada para prolar. Por falar nisso, o que é felicidade, diante de tanta calma? "É estar bem consigo mesmo e com os outros. É viver em harmonia". A professora brasileira é sábia.

Daniel Ferreira/CD



EDNALVA MONTEIRO E SEUS ALUNOS: 17 ANOS DANDO AULAS NA MESMA ESCOLA, A CLASSE 5 DE BRAZLÂNDIA

**ONDE NASCEU:**  
Hospital Distrital  
(Atual Hospital  
de Base)

**ORIGEM FAMILIAR:**  
Pai baiano  
e mãe goiana

**LEMBRANÇA  
DE INFÂNCIA:**  
"Brincar nas ruas  
sem asfalto de  
Brazlândia e, no fim  
de semana, ir ao  
Plano Piloto, para ver  
a Esplanada"

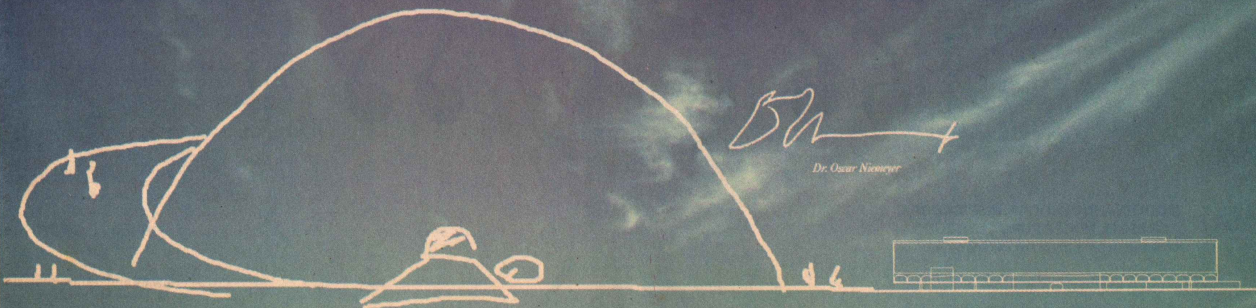
**O QUE GOSTA  
EM BRASÍLIA:**  
Da Catedral.  
"Transmite paz e  
foge do convencional  
das igrejas que a  
gente conhece em  
toda cidade."



# Parabéns, Brasília, pelos seus 47 anos.

Com quase quatro décadas de história,  
o UniCEUB tem orgulho de fazer parte da mesma geração.

Complexo Cultural da República João Herculino.  
Conheça mais esta obra de Oscar Niemeyer.







# A MENINA do mercado

A feirante Dayane Santos só saiu de Brasília para visitar parentes em Goiânia. Aos 19 anos, tem pressa em estudar e realizar uma vontade de 10 entre 10 brasileiros: ver o mar

MARCELO ABREU

DA EQUIPE DO CORREIO

#### ONDE NASCEU:

Hospital Regional da Asa Sul (Hras)

#### ORIGEM FAMILIAR:

Pai e mãe maranhenses

#### LEMBRANÇA DA INFÂNCIA:

"Quando, aos domingos, passeava com os pais pela Esplanada dos Ministérios e tirava foto perto dos palácios. Adorava a 'lagoa' do Itamaraty"

#### O QUE GOSTA EM BRASÍLIA:

"Acho um monumento, um lugar cheio de luz."

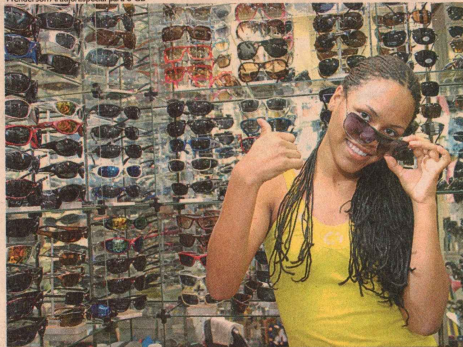
N o meio de centenas de óculos, lá está ela, dentro daquela barraca, na Feira dos Importados. Chega um cliente. Experimenta um modelo. As vezes, compra. As vezes, não. Um puxa conversa. Feira é sempre assim. As pessoas conversam, falam da vida, dos sonhos, dos planos. A feira é sempre um longo divã. E ela, a moça negra de cabelos em tranças, continua lá, esbanjando simpatia.

De repente, a moça avista a equipe do Correio. Espantada-se. Acha que estamos ali em função de alguma denúncia. Jornalista na Feira dos Importados — longe do Dia das Mães ou do Natal — de alguma coisa errada está atrás. Seria contrabando? "Eu, entrevista? Por quê?" Espanta-se novamente. Diante da primeira pergunta, a feirante baixa a guarda e dá espaço para a espontaneidade contagiante: "Nasci aqui em Brasília, no Hospital da L2 Sul (Hospital Regional da Asa Sul (Hras), ex-Hmib)", conta.

E a prosa começa. Dayane Pereira Santos, 19, é uma típica moça de Brasília. Filha de um militar e uma copeira maranhenses, mora no Cruzeiro Novo, estuda o 2º ano do ensino fundamental e tem um filho de 4 anos, que se chama Marcelo. Aos 15 anos, deu à luz. E teve que deixar de ser adolescente. Interrompeu os estudos e virou mãe. Depois, para ajudar nas despesas do filho, arrumou emprego. Virou vendedora de óculos na barraca de chineses da feira, um formigueiro que concentra 2 mil bancas, 85 lojas e um público de até 30 mil pessoas no fim de semana. Dayane trabalha das 8h às 18h. Folga? Só na segunda-feira. "É o tempo que tenho para brincar com meu filho, levá-lo ao parquinho, ser mãe o dia todo", conta.

Dayane é incansável. "Se eu sou feliz? Apesar de todos os problemas que enfrento, sempre enxergo a vida com otimismo. O segredo é não se dar por vencida", ensina a menina-mãe de sorriso encantador. Algum sonho? A ven-

Wenderson Araújo/Especial para o CB



DAYANE SANTOS, MORADORA DO CRUZEIRO: "SEMPRE ENXERGO A VIDA COM OTIMISMO"

dadora de óculos quer ser veterinária. "Adoro bicho, natureza, cuidar de animal", explica. E chega mais uma cliente. Pede para experimentar alguns óculos. Vê-se no espelho com os modelos. Faz caras e bocas. Pergunta o preço. Pede para ver mais. Depois de toda atenção a ela dispensada, diz que andará um pouco mais e voltará.

Dayane pede que ela fique à vontade. Informa-lhe que existem outros óculos que a moça ainda não experimentou. Na feira, delicadezas são imprescindíveis. Dayane aprendeu isso desde o primeiro dia em que ali parou. Disso, dessas delicadezas inesgotáveis, depende o seu sustento. A vendedora ganha o salário comercial mais 1% de comissão sobre cada peça vendida.

É quase hora do almoço. Dayane compra uma quentinha e come ali dentro mesmo. Não há quem fique no seu lugar. Entre uma garfada e outra, um gole e outro de água, uma venda. O padrão chinês — que mal fala português — adora contar reais. E assim o dia passa. No final da tarde, início da noite, fecha a banca. Volta para casa a pé. Caminha por cerca de 30 minutos. E corre para ver o filho. "Brinco com ele um pouquinho, como alguma coisa e vou pra escola. Não posso mais me atrasar nos estudos", reflete.

A menina que nasceu em Brasília tem um sonho. "Quero conhecer o mar, ver aquele azul todo que aparece na televisão e nas revistas", conta, com os olhos arregalados de emoção. E quer levar o filho junto, para entrar de mãos dadas no "marzão".

"A gente nunca saiu de Brasília. O lugar mais longe que conheço é Goiânia, onde tenho parente", diz, com uma vontade arrebatadora de se transportar para outro lugar muito além daquela feira. E sobre a cidade onde nasceu? "É linda, um lugar especial. Tem vários pontos turísticos bonitos. Adoro o céu daqui."

Naquela banca apertadinha de óculos escuros na Feira do Paraguai, no meio de tantas outras iguaizinhas, uma moça de cabelos rastafari e sorriso espontâneo, solto como seus 19 anos, planeja a vida. Sonha com dias melhores. Torce por isso. Pratica isso, na simplicidade de tentar vender óculos. E faz de todos os dias vividos os melhores de sua existência.



# Em busca do FUTURO

## ONDE NASCEU:

Hospital Regional de Sobradinho (HRS)

## ORIGEM FAMILIAR:

Mãe e pai piauienses

## LEMBRANÇA DE INFÂNCIA:

"Brincar de pipa e futebol nas ruas de Sobradinho"

## O QUE GOSTA

em Brasília:  
Parque da Cidade.  
"Tem muito espaço verde e opções de lazer"

06

BRASÍLIA,  
SABADO,  
21 DE ABRIL  
DE 2007

**Filho de um carpinteiro que veio para a construção de Brasília, Adriano Brito aprendeu desde cedo a trabalhar. Apesar das dificuldades, insistiu na procura de uma oportunidade no DF. Hoje trabalha e estuda.**

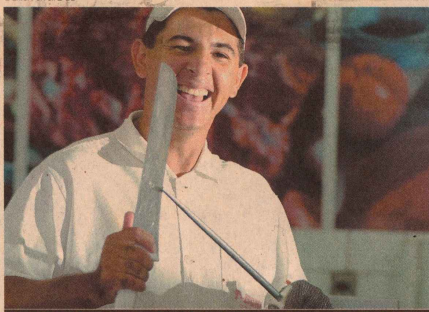
DANIELLE ROMANI

DA EQUIPE DO CORREIO

A palavra dificuldade é uma antiga conhecida de Adriano da Silva Brito, 24 anos. Mas hoje ele a vê como coisa do passado. Apesar da pouca idade já mora em uma casa própria, tem emprego fixo, uma motocicleta nova, e o melhor: concluiu o 2º grau e se tornou um leitor voraz. "Há três anos mal sabia ler, não tinha nem terminado o 1º grau. E nem imaginava que isso fosse possível. Hoje tenho uma meta: ler um livro por mês. O último foi o *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto", conta o rapaz, que já está se preparando para encantar *O vermelho e o negro*, de Stendhal, que conta a história de Julien Sorel, filho de um pobre carpinteiro. "Iguazinha à minha", entusiasma-se o jovem.

memória de sorriso e animado. Aguardo sobre cada peça vendida.

Daniel Ferreira/CB



ADRIANO TEM ORGULHO DO QUE FAZ E CONQUISTOU RESPEITO PROFISSIONAL

A vida de Adriano mudou quando ele se tornou açougueiro. E dos bons. Frequentemente é escolhido como o melhor do mês na casa de carnes onde trabalha, uma das 317 existentes e cadastradas no Distrito Federal, segundo o Sindicarne. "Tirei a sorte grande, e sozinho", comemora. Ele trabalha das 13h às 20h, exceto aos sábados, quando o volume de clientes exige que a equipe faça um "puxadão", das 8h às 20h. Nos meses em que recebe pouco, leva para casa R\$ 700. Em época que produz muito, embolsa R\$ 1,5 mil. "A minha faixa de rendimento fica na média de R\$ 1,3 mil", orgulha-se o jovem, que sabe tudo sobre cortes e tipos de carne. "Temos cursos, aprendemos a tratar e a orientar os clientes sobre o que há de melhor para cada tipo de prato", explica.

Foi um longo caminho até que Adriano encontrasse es-

tabilidade e respeito profissional. Nascido em Sobradinho, passou a infância nas ruas da cidade, brincando com os oito irmãos. Mas eram tempos difíceis. Tanto que, quando completou oito anos, o pai, um carpinteiro que viera construir Brasília na época dos pioneiros, desistiu do Distrito Federal, reuniu a família e pegou o rumo de volta, para Floriano, no Piauí. Dois anos depois estava de volta.

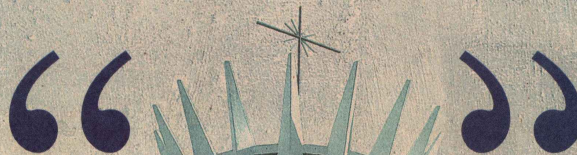
A família toda instalou-se na casa de uma parente no Guará II, onde passou o finalzinho da infância e a adolescência. "Adorava ir à Feira", recorda. Hoje, continua freqüente do local. "Nas minhas folgas sempre levo minha mulher, Saynara e meu filho Gabriel para lá", conta

Adriano, que também costuma levar o filhinho de quatro anos para o Parque da Cidade e Jardim Zoológico.

Adriano largou o estudo aos 10 anos. Começou a ajudar o pai, Alonso, nos trabalhos. "Ia com ele para as mansões do Lago Norte, Lago Sul e para o SIG fazer telhados". Como sempre trabalhou, aos 19 anos comprou um terreno em Luziânia (GO), por R\$ 1,5 mil. "Meu pai me ajudou a construir a casa. Mudei com a mulher e tivemos nosso filhinho."

Ele trabalhava como motoboy quando viu o anúncio para o atual emprego. "O dono achou que eu tinha potencial para ser balconista, e em poucos meses virei açougueiro".

Ao saber que Adriano não havia estudado, o dono o incentivou a se matricular no supletivo. Com o diploma de 2º grau em mãos, o rapaz já pensa na universidade. "Talvez faça um curso de engenharia", finaliza.



MODERNA, INOVADORA, INSPIRADORA.  
BRASÍLIA, VOCÊ É PURO CONTEÚDO.  
HOMENAGEM DA VESTCON AOS 47 ANOS DE BRASÍLIA.

  
**Vestcon**  
CONTEÚDO PARA A VIDA





# Pilar, devota de NIEMEYER

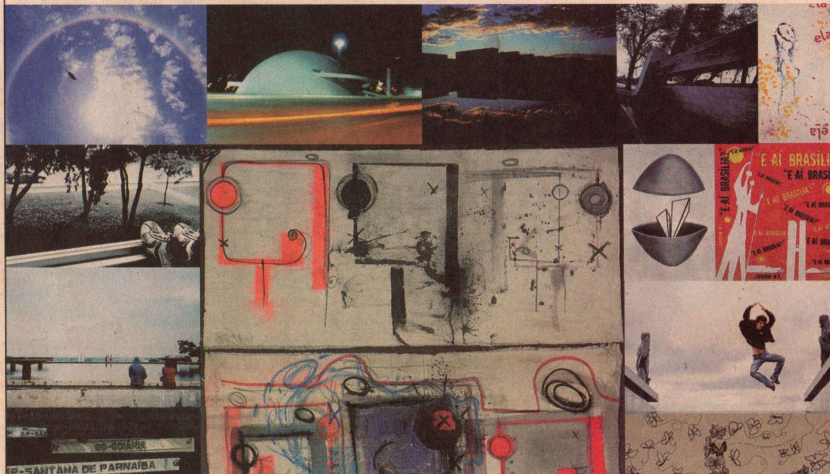
**Do banco de um Grande Circular, ela aprendeu a admirar as retas, os prédios e todos os elementos que compõem a cidade. E, por uma circunstância profissional, é testemunha ocular da genialidade do arquiteto**

JOÃO RAFAEL TORRES  
DA EQUIPE DO CORREIO

**P**ilar sempre foi uma menina pacata, daquelas que gostam de admirar o mundo. Aos domingos, acordava cedo, colocava um disco na vitrola — de Xuxa a Titãs, rolava de tudo. Cantarolava, dançava, brincava com as irmãs — uma, um ano mais velha; outra, um ano mais nova. Às vezes, a brincadeira chateava. E ela, pensativa, ia à janela do apartamento onde morava para admirar a área verde da 412 Sul. Observava com cuidado como quem quer decorar a paisagem. Adora-

## Brasília.

Sempre uma inspiração.



do curso. As aulas despertaram a consciência e a paixão pela beleza que admirava desde a infância. “Até então eu achava Brasília bonita. Na faculdade, aprendi por que era bonita”, define. Dessa forma, a arquitetura a aproximou da cidade. Deu ímpeto de defendê-la, de entendê-la, de não querer mais sair daqui. O curso, concluído em julho de 2004, foi em primeiro lugar uma lição para compreender a amplitude da cidade.

Depois de formada, Pilar trabalhou com projetos próprios até decidir formar, em sociedade com dois amigos, o próprio escritório de arquitetura. Entretanto, há um ano e três meses, Pilar vive o sonho de muitos colegas em início de carreira: ela é uma das arquitetas do escritório local de Oscar Niemeyer. Além do respeito imposto pelo nome, o escritório é reconhecido pelo alto nível dos profissionais. “Aprendo diariamente, sei que estou em contato com o que há de melhor em arquitetura”, explica Pilar.

Antena para evitar o deslumbramento, ela se conteve até no dia em que o escritório local recebeu os croquis originais do prédio do Tribunal Regional Federal (TRF). feitos

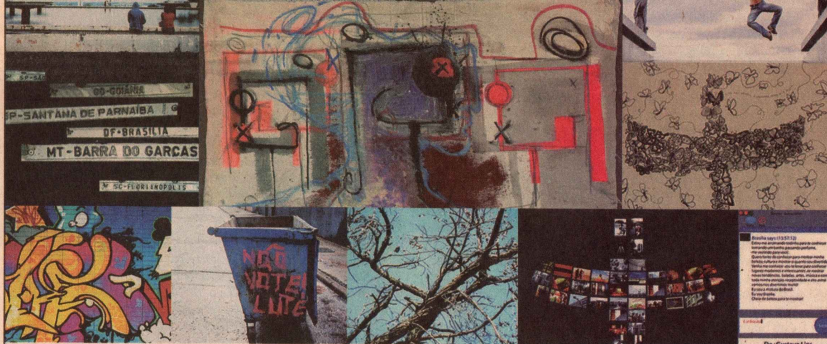


ateava. E ela, pensativa, já à janela do apartamento onde morava para admirar a área verde da 412 Sul. Observava com cuidado como quem quer decorar a paisagem. Adorava brincar lá embaixo, mas também sentia a paz da quadra arborizada, verde e calma, em meados da década de 1980.

Pilar Pinheiro Sanches é filha de um economista com uma médica. Ambos vieram do Espírito Santo, mas o acaso só os uniu em Brasília. As meninas de Uebio e Fátima estudaram no Centro Educacional Perpétuo Socorro, no Lago Sul, onde conviviam com crianças de diferentes nacionalidades. Os pais sempre fizeram questão de incentivar a independência das meninas. Logo cedo, colocaram as filhas para andar de ônibus, que se transformou no principal meio de transporte — e o passatempo — para Pilar. Da janela do Grande Circular, a eterna observadora via a cidade, seus filhos e monumentos. Deixava-se perder pela cidade, que mais tarde ela viria a tanto amar.

Não deu outra. Ao fim do ensino médio, o olho treinado fez com que Pilar optasse por uma profissão que unia funcionalidade e senso estético. Decidiu pela arquitetura, ainda meio incerta do que queria. O sonho de entrar num dos cursos mais concorridos da Universidade de Brasília deu um breque no devaneio juvenil de trabalhar fora para ter a própria independência. Do segundo para o terceiro ano, ela abandonou o emprego no shopping como vendedora numa loja de roupas, para se dedicar dia e noite às provas do concorrido e inédito Programa de Avaliação Seriada, o hoje já popular PAS. Ela foi pioneira ao ingressar na UnB a partir do sistema.

O amor pelas formas só se consolidou ao longo



Gregório de Oliveira (vencedor), Amanda Barahona, Cícero Bezerra, Cristiano Fonseca, Daniela Ferreira, Danielle Araújo, Edson Araújo, Giselle de Oliveira, Gustavo Lins, Lívia Braga, Lucy Aguirre, Niépson Ramos, Patrícia Meschick, Philippe Lepletier, Simone Oliveira e Virgílio Neto, finalistas do Concurso 'E aí, Brasília?', promovido pelo ParkShopping, revelaram as diferentes facetas de uma cidade jovem, sempre em transformação. Mostrar esse mosaico de diferentes olhares e estilos é uma forma do ParkShopping homenagear Brasília nos seus 47 anos.

 ParkShopping

Completo pra você

Wenderson Araujo/Especial para o CB



PILAR SANCHES, ARQUITETA: APRENDENDO NA FACULDADE POR QUE BRASÍLIA É BONITA

**ONDE NASCEU:**  
Casa de Saúde São Mateus, no Lago Sul

**ORIGEM FAMILIAR:**  
Pai e mãe capixabas

**LEMBRANÇA DE INFÂNCIA:**  
"As brincadeiras infundáveis com os amigos, na área verde da 412 Sul"

**O QUE GOSTA EM BRASÍLIA:**  
O bar Beirute. "É o lugar propício para uma mistura social, onde a liberdade é celebrada. Além disso, tem uma comida boa..."

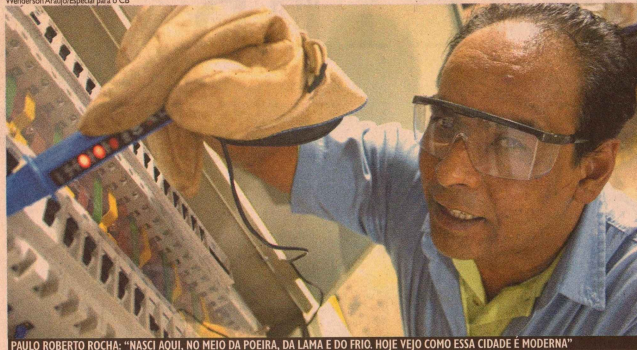
quitetura", explica Pilar. Atenta para evitar o deslumbramento, ela se conteve até no dia em que o escritório local recebeu os croquis originais do prédio do Tribunal Regional Federal (TRF), feitos pelo próprio Niemeyer. As dezenas de canudos de papel manteiga, desarrumados sobre uma mesa instigaram a tietagem. "Olhei e pensei: caramba, acho que vou chorar agora..." Estavam ali, para que ela trabalhasse ajudando na execução, os traços e as impressões do gênio criador de obras que tanto admira, como a Igreja de Fátima e o Palácio do Itamaraty. "É impossível conter a emoção numa cena dessa. Quero organizar uma visita ao escritório do Rio (de Janeiro), para tentar conhecê-lo (a Niemeyer)", planeja.

Da Brasília que aprendeu a amar, a arquiteta Pilar só desgosta do excesso de carros e do defasado sistema público de transportes, que não a permite passear com calma e agilidade, como fazia na adolescência. "Querida poder deixar o carro em casa e pegar um ônibus ou metrô, com a certeza de que chegaria aos compromissos em tempo", reclama. Quando pode, ela ainda olha da janela do apartamento onde mora na Asa Norte, e enxerga a entrequadra. Menos arborizada e com menos liberdade para as crianças, assinala com certo pesar. "Não sei, mas acho que pude viver uma infância mais feliz que os meninos de hoje", divaga. Se terá filhos e se os criará em Brasília, ainda não sabe. "Como estarei aqui a 10 anos? Hum, não sei. Só sei que quero estar feliz."



O electricista Paulo Roberto cresceu solto na poeira do Núcleo Bandeirante. Hoje, não deixa suas filhas saírem à noite nas ruas de Ceilândia

Wenderson Araujo/Especial para o CB



PAULO ROBERTO ROCHA: "NASCI AQUI, NO MEIO DA POEIRA, DA LAMA E DO FRIO. HOJE VEJO COMO ESSA CIDADE É MODERNA"

# INFÂNCIA à moda antiga

RAFAEL MESQUITA  
DA EQUIPE DO CORREIO

N o dia em que o electricista Paulo Roberto Pereira Rocha nasceu, em 15 de outubro de 1959, Brasília ainda nem havia sido inaugurada. Mas já existia a chamada Cidade Livre, atualmente Núcleo Bandeirante. O local serviu de alojamento para os trabalhadores que construíram a cidade. Entre eles, o pai de Paulo Roberto, o carpinteiro piauiense Manoel Rocha, que chegou ao lugar em 1957. Ali, o nordestino

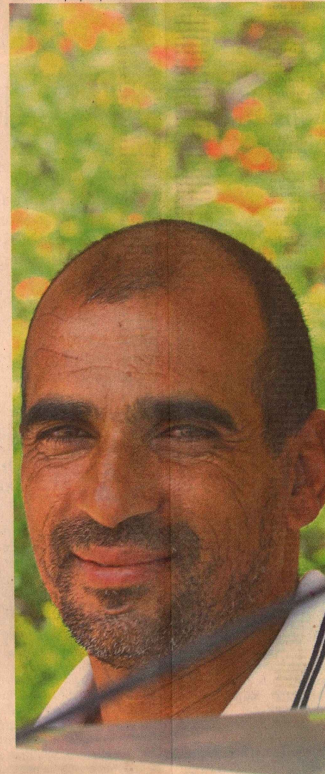
**ONDE NASCEU**  
Hospital Regional de Sobradinho (HRS)

**ORIGEM FAMILIAR**  
Pai mineiro e mãe cearense

**LEMBRANÇA DE INFÂNCIA**  
"Ainda menino, saía de Planaltina para vender jornal do Plano Piloto. Aproveitava para passear pela cidade e brincar pela rua. Era muito divertido"

**O QUE GOSTA EM BRASÍLIA**  
Da Esplanada. "Cheia de árvores, grama e tem prédios bonitos"

Wenderson Araujo/Especial para o CB



**ONDE NASCEU**  
Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira (atual Museu Vivo da Memória Candanga), Núcleo Bandeirante

**ORIGEM FAMILIAR**  
Pai piauiense e mãe baiana

**LEMBRANÇA DE INFÂNCIA**  
"A prisão do meu pai por dois meses, durante o golpe de 64. Ele foi confundido com manifestantes contrários à ditadura militar e acusado de subversão"

**O QUE GOSTA EM BRASÍLIA**  
Parque da Cidade e Esplanada dos Ministérios. "São dois lugares que me dão prazer. Eu me sinto bem perto da natureza."



sinto bem perto da natureza.”

Não há um dia em que o engenheiro Paulo Roberto Pereira Rocha não lembre a cidade. Com a idade de 17 anos, Paulo Rocha nasceu, em 15 de outubro de 1959, em Brasília. Ainda nem havia sido inaugurada. Mas já existia a chamada Cidade Livre, atualmente Núcleo Bandeirante. O local serviu de alojamento para os trabalhadores que construíram a cidade. Entre eles, o pai de Paulo Roberto, o carpinteiro paulista Manoel Rocha, que chegou ao lugar em 1957. Ali, o nordestino conheceu e se casou com a cozinheira baiana Lindalva Pereira dos Santos. Tiveram, então, sete filhos, uma mulher e seis homens, entre eles Paulo Roberto, o primogênito.

A mudança de Manoel e Lindalva para Brasília aconteceu após o chamado do presidente da República na época, Juscelino Kubitschek, para que os brasileiros viessem ajudar a construir a nova capital federal. Além dos nordestinos, os operários que chegaram para iniciar as obras eram predominantemente mineiros e goianos. “Meus pais vieram com a esperança de ter uma vida melhor e felizmente esse objetivo foi alcançado”, comemora Paulo Roberto.

O brasileiro teve uma infância à moda antiga. “Eu brincava na rua até de madrugada”, relembra Paulo. Mas hoje o medo da violência impede que as filhas tenham o mesmo sentimento de liberdade. As adolescentes Raissa de Melo Rocha, 15, e Hannah de Melo Rocha, 17, não têm a mesma oportunidade de viverem livres como o pai. “Não deixo minhas filhas ficarem nem na porta de casa”, diz ele, casado há 18 anos com a servidora pública Dayse Luci de Melo e atualmente morador de Ceilândia.

seminário sobre a cidade. Concomitantemente, ele critica a vinda em grande quantidade de imigrantes — que, assim como os seus pais, vêm tentar uma vida melhor. “Esse aumento exagerado no número de habitantes acaba contribuindo com a violência”, observa.

O espírito brasiliense é algo que marca a vida desse electricista. O orgulho de ter nascido em Brasília explica-se por sua vida confundir-se com a história da própria cidade. “Nasci aqui, no meio da poeira, da lama e do frio. Hoje vejo como a cidade é moderna em comparação a outros lugares do Brasil. Este lugar é lindo e maravilhoso”, exalta Paulo Roberto. E diz que a música e os cantores como Renato Russo contribuíram para mostrar a cidade para o Brasil.

### Monumento histórico

Do alto do prédio em que trabalha há 17 anos, no Ministério da Ciência e Tecnologia, Paulo Roberto acompanhou em 29 de dezembro de 1992 a cena que mais o marcou na cidade: o impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello. Seu olhar, e os olhares de todo o Brasil, estava voltado para o Senado Federal — que decidiria o futuro político do principal mandatário do país.

O momento era mágico na vida de muitos brasileiros que aguardavam em frente ao Congresso o afastamento de Collor. Paulo Roberto sentia-se parte da multidão que lotava a Esplanada dos Ministérios naquele dia. “Todos estavam ali com o mesmo objetivo. Era o meu povo que tirava o presidente da República”, emociona-se.

08/09

BRASÍLIA,  
SABADO,  
21 DE ABRIL  
DE 2007



Uma cidade com um céu tão bonito  
tinha mesmo que ter asas.  
Parabéns Brasília por seus 47 anos.

Promoção não-cumulativa, com restrições e intransferível. Oferta válida somente para o DF para pessoa física, de 20 a 22/4/07 ou em locais originadas na área de registro, para 2 números Claro de mesmo DDD, cadastrados até 21/6/07 através do 1123. Não vale para serviços de acesso a serviços de valor agregado, serviços especiais e serviços que utilizam números do Claro. Clientes Estilo (Claro) podendo ser vendido separadamente. Quantidade de kits limitada (300 unidades). Sujeito à análise de crédito, permanência mínima e n



# Na corrida do TEMPO

MARCELO ABREU

DA EQUIPE DO CORREIO

Ele realizou, aos 42 anos, o sonho de toda uma vida. Construiu a casa própria, na Vila Estrutural. E ao longo da vida já fez de tudo um pouco: vendeu jornal, foi operário da construção civil e agora virou taxista. "O bom mesmo é trabalhar por conta própria", avalia Edson de Souza Brants, separado, dois filhos, 4ª série primária.

E a luta sempre foi árdua. Na casa com 14 irmãos, tudo era contado. Até o pão que chegava à mesa. E cada um teve que batalhar para conquistar sua independência. Ainda jovem, deixou Brasília para tentar a sorte no Amazonas. Lá, virou garimpeiro. E pelejou por dias melhores. Doze anos depois, bateu a saude da família. Voltou para visitar os que aqui ainda moravam. E decidiu que não mudaria mais da cidade onde nasceu.

Encontrou uma Brasília muito diferente da que deixou. "Fiquei assustado quando percebi o tamanho da violência", recorda. Mas mesmo assim resolveu ficar. Queria ter uma casa, construir família. Virou taxista. Escolheu o ponto da Rodoferroviária — lugar de partida e chegada de uma gente que ainda sonha

com dias melhores na capital da República. Gente que vem tentar. Gente que desistiu de fazê-lo. No novo emprego e no novo endereço de trabalho, Edson fez novos amigos de praça. Taxistas que dividem com ele os mesmos anseios,

as mesmas esperanças.

Edson trabalha mais de 12 horas por dia. Às vezes, chega a dobrar. E só vai em casa para trocar de roupa. Até banho toma na Rodoferroviária. "Não é fácil a vida de taxista. A gente tem que trabalhar muito. Não tem hora para descanso", comenta. Enquanto desbrava o dia, as boas lembranças de Brasília o acompanham. "Quando era menino e morava em Sobradinho, o legal era vir ao Plano Piloto. Tudo aqui era bonito. A cidade era calma, com muito verde e não tinha violência", lembra. Hoje, aos 47 anos de sua fundação, a capital mudou. O medo faz parte das conversas diárias. "A coisa tá tão séria que a gente tem receio de negar passa-

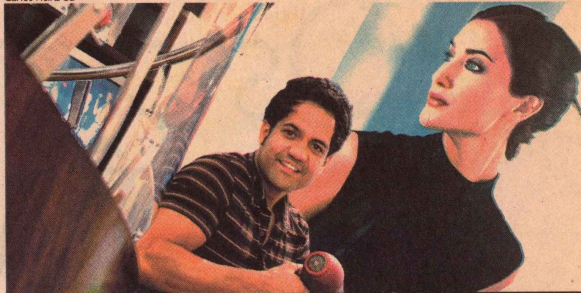
**ONDE NASCEU**  
Hospital Regional da Asa Sul (Hras)

**ORIGEM FAMILIAR**  
Pai goiano, mãe carioca

**LEMBRANÇA DE INFÂNCIA**  
"Sempre ia para a plataforma da Rodoviária com meu pai para assistir aos pegas que Nelson Piquet e Pupo Moreno faziam no Eixo Monumental".

**O QUE GOSTA EM BRASÍLIA**  
Pontão do Lago Sul. "De assistir ao pôr-do-sol lá".

Carlos Vieira/CB



JÚNIOR PASSARINHO: PARA ELE, HÁ POUCAS OPÇÕES DE DIVERSÃO, MAS MUITAS DE TRABALHO

## VIVER AQUI, sempre

**Se existe algo fora dos planos do cabeleireiro Júnior Passarinho, morador da Asa Norte, é a possibilidade de ir embora da cidade onde nasceu**

CAROLINE LASNEAUX  
DA EQUIPE DO CORREIO

Nada de laquê, grampos, escovas e secadores. O glamour dos salões de beleza passava longe da cabeça e da rotina de Júnior Passarinho. O brasiliense, de 34 anos, agora cabeleireiro de um dos salões de beleza mais frequentados de Brasília, trabalhou por muitos anos cuidando de rodas de carro. Na loja onde trabalhava, de propriedade do pai, fazia alinhamento e balanceamento de veículos. "Fiquei lá por um tempo, mas não era feliz. Até que, ao acompanhar um amigo cabeleireiro a um jantar, fui convidado por

Dois meses antes da conclusão do curso, Júnior conseguiu o prometido emprego. Começou como auxiliar, lavando cabelos e segurando os equipamentos de trabalho para os profissionais. Mas o talento do aprendiz foi tão grande que, em um ano e meio, foi promovido a cabeleireiro. "Geralmente as pessoas ficam três anos como auxiliar. Subi de cargo muito rápido."

A talentosa trajetória do cabeleireiro só chegou aos ouvidos da família quando Júnior foi entrevistado pela equipe do Correio, em 2003. O texto, sobre pessoas formadas pelo Senac que tinham conquistado bons empregos na área, chegou às mãos do pai dele. "Lembro como se fosse ontem. Eu estava em Goiânia e meu pai me ligou. Achei que iria me dar uma bronca, mas, para minha surpresa, me deu os parabéns e desejou sucesso na carreira. Fiquei emocionado."

Hoje, o rapaz que viu Brasília crescer não enfrenta mais resistência dos pais. Está sempre viajando para acompanhar as tendências internacionais de cabelo.



hora para descançar", comenta. Enquanto desceva o dia, as boas lembranças de Brasília o acompanhavam. "Quando era menino e morava em Sobradinho, o legal era vir ao Plano Piloto. Tudo aqui era bonito. A cidade era calma, com muito verde e não tinha violência", lembra. Hoje, aos 47 anos de sua fundação, a capital mudou. O medo faz parte das conversas diárias. "A coisa tá tão séria que a gente tem receio de pegar passageiro no meio da rua, ainda mais se for à noite", conta.

Ainda menino, em Sobradinho, o gostoso era buscar caju do cerrado. A molecada fazia do passeio uma aventura. "Sobradinho parecia uma grande chácara", lembra o taxista, que passa dias e noites dirigindo pelas avenidas de Brasília. E, ao fazer esse percurso diariamente, constata que a capital há muito deixou de ser a cidade pacata onde um dia, menino, se extasiou com tamanha beleza dos palácios e monumentos. "Quando eu e meus colegas vínhamos de ônibus de Sobradinho para o Plano Piloto tinha que ser escondido. O motorista não deixava a gente viajar sem a presença de uma pessoa adulta", diz.

Brasília cresceu. O menino que pegava caju do cerrado também. Mas a cidade onde ele vendia jornal na infância continua sendo o lugar dos seus sonhos. "Apesar de tudo, ainda é boa para morar e trabalhar", reconhece. Na casa de dois quartos que construiu na Vila Estrutural está a certeza de que esse é o seu lugar. E Brasília? "Uma cidade bonita, todo mundo acha."

...o motorista não deixava a gente viajar sem a presença de uma pessoa adulta", diz.

mais frequentados de Brasília, trabalhava por muitos anos cuidando de rodas de carro. Na loja onde trabalhava, de propriedade do pai, fazia alinhamento e balanceamento de veículos. "Fiquei lá por um tempo, mas não era feliz. Até que, ao acompanhar um amigo cabeleireiro a um jantar, fui convidado por Maurício Mandalla, dono de um salão, a trabalhar na empresa dele." A condição? Fazer um curso de cabeleireiro.

Apesar da proposta, Júnior achou que tratava-se de uma brincadeira. "Não sabia nem segurar um secador. Na hora que ele falou, não acreditei, claro." A desconfiança durou até o convite ser feito pela segunda vez. "Aí vi que a chance era de verdade e me inscrevi no curso do Senac", lembra. Com medo da reação do pai, na época bastante conservador, Júnior preferiu dizer que estudava computação. Todos os dias, saía do trabalho uma hora antes do habitual, às 17h, e tinha aulas de como cuidar e cortar cabelos até às 22h. "Não quis falar nada para o meu pai porque tive medo de preconceito. Aliás, não contei para ninguém a minha decisão."

meu pai ficou muito feliz. Me deu uma bronca, mas, para minha surpresa, me deu os parabéns e desejou sucesso na carreira. Fiquei emocionado."

Hoje, o rapaz que viu Brasília crescer não enfrenta mais resistência dos pais. Está sempre viajando para acompanhar as tendências internacionais de cabelo. O amor pela profissão veio com o tempo. Mais que uma pessoa que entende de cabelos, Júnior sente-se um terapeuta, capaz de transformar a vida das mulheres. "Gosto muito de mexer com a vaidade feminina, com o ego. Muitas mulheres chegam aqui cheias de problemas e tristes. É maravilhoso vê-las saindo do salão com o rosto iluminado e alegre, como se todos os problemas tivessem desaparecido", conta.

Morador da Asa Norte desde a infância, Júnior não planeja ficar longe de Brasília. "Já visitei outras cidades, inclusive do exterior, mas não acho que exista lugar melhor para morar que aqui. A qualidade de vida dos brasileiros é incrível. Para diversão ainda é ruim, mas para viver, trabalhar e ganhar dinheiro, aqui é o lugar", garante.

Aproveite as ofertas exclusivas de aniversário.

Compre um Motorola no Claro Conta e escolha 2 números Claro para fofa de graça.



### Motorola U6

- Câmera digital
- Visor colorido
- Design emborrachado

de  
~~R\$ 619,~~  
por  
**R\$ 255,**  
à vista  
no Plano Estilo 300



**GRÁTIS**  
Relógio Motorola

Lojas Claro: Park Shopping • Deck Brasil • Quiosque do Aeroporto Internacional de Brasília  
Conjunto Nacional • Pátio Brasil • QNA 2, Lt.17, Taguatinga • Taguatinga Shopping  
e Agentes Autorizados participantes

**Claro.**  
A vida na  
sua mão.



**MOTOROLA**

duraram os estoques, para novas habilitações ou troca de aparelho exclusivamente na tecnologia GSM, no Plano Estilo (Claro Conta), desde que o cliente esteja fora do período de carência, ou a até 3 meses do vencimento do seu contrato, de acordo com o regulamento. Bônus mensais de 300 minutos para chamadas locais. Para manter o benefício por 12 meses, o Cliente deverá manter-se adimplente durante todo período promocional e cadastrar sua conta em débito automático até 21/06/07. Caso não a cadastre, o benefício será usufruído por 6 meses. Os números cadastrados não poderão ser alterados e não serão válidos cadastros de usufruído o bônus mensal de 300 minutos após o consumo de sua franquia de minutos. Limite de 1 (um) aparelho gratuito por CPF. Kit Claro Conta Motorola com Relógio: na compra de um celular habilitado no Claro Conta em qualquer plano estilo ou super controle; kit composto de um relógio Motorola, não acessório. Modelo e preço de celular ofertado vinculado ao plano de serviço demonstrado. Verifique preços e condições de pagamento nas lojas Claro e Agentes Autorizados. Consulte o regulamento da promoção em [www.claro.com.br](http://www.claro.com.br) ou ligue 1052. Fotos Ilustrativas. GSM Claro só funciona com Claro Chip.





# Os primeiros GÊMEOS

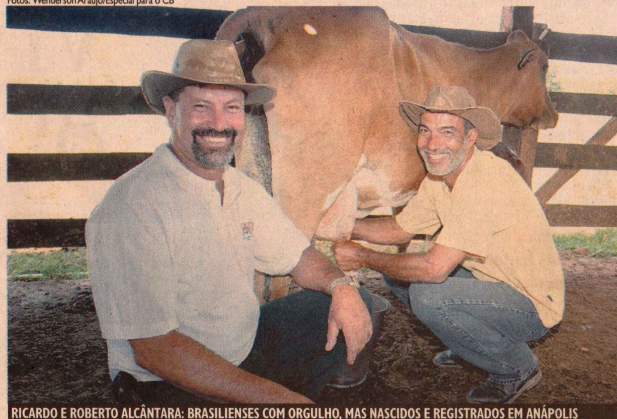
**RICARDO E ROBERTO, IRMÃOS QUE PRODUZEM LEITE NO VALE DO CURRALINHO, EM BRAZLÂNDIA, NASCERAM E FORAM REGISTRADOS EM ANÁPOLIS. MAS SÓ PORQUE NÃO HAVIA HOSPITAL NO DF EM 1956**

DA REDAÇÃO

A construção de Brasília acontecia ao mesmo tempo em que várias famílias encontravam ao redor da grande obra um lugar para chamar de lar. As que se aventuraram junto com Juscelino Kubitschek propagam e se sentem responsáveis pelo crescimento da cidade. A lei que pedia aprovação da área (por sinal, já delimitada) para o Distrito Federal foi aprovada no dia 19 de setembro de 1956. Três meses depois nasceram Ricardo e Roberto Alcântara, os únicos filhos homens do casamento de Maria Ana e José Luiz Alcântara. Eles seriam, então, os primeiros brasileiros? Não. Mas certamente são os primeiros gêmeos — apesar de terem nascido e sido registrados em Anápolis.

Mãe, Maria Ana, guarda uma cópia da reportagem de um jornal da década de 70 (que sequer consegue ser identificado) que registra o nascimento dos irmãos gêmeos — para surpresa dela, que só esperava por um. No livro *História de Brasília*, publicado em 1997, o médico e pioneiro Ernesto Silva crava que os meninos Ricardo e Roberto Alcântara são, de fato, os primeiros gêmeos. Que importa onde foram registrados? Em 1960, por exemplo, o IBGE revelava que apenas 5.918 pessoas haviam nascido no quadrilátero que formou o DF (52 pecuaristas). Ricardo e Roberto não abrem mão: estão entre esses.

Fotos: Wenderson Araújo/Especial para o CB



**RICARDO E ROBERTO ALCÂNTARA: BRAZILIENSES COM ORGULHO, MAS NASCIDOS E REGISTRADOS EM ANÁPOLIS**

Brazlândia. Saíram do Torto por conta da desapropriação dos quase mil alqueires de terra da família. Foi quase uma expulsão, relembra o pai. “Não tínhamos escolha e mal tivemos tempo para juntar todas as coisas”, conta seu José Luiz.

Ricardo nasceu cinco minutos antes do irmão Roberto. Ambos têm lembranças muito diferentes da Asa Norte, onde o pai vendia leite. “Onde hoje é a W3 Norte só existia um poeirão. E piorava quando passávamos com o jipinho cheio de galões de leite da fazenda para vender para os primeiros

deixa feliz por ter nascido e crescido na capital”, diz Ricardo. Ele recorda que, ao ver os esqueletos de concreto do Congresso Nacional, não entendia nada do que estava acontecendo.

Ricardo e Roberto só começaram a frequentar uma escola em 1967, aos 11 anos, e cursaram a primeira série na escola 01 de Brazlândia, onde moram desde 1965. Com um sorriso no rosto, Ricardo lembra do dia em que vieram o primeiro avião na região. “Corremos para o meio do mato, com medo. Acho que era um avião do Exército fazendo manobras, mas ficamos apavorados pensando que aquilo ia cair em cima de nós”.

Entre as recordações estão os passeios à capital para vender leite com o pai e a primeira vez que assistiram televisão, aos 12 anos. Ricardo conta que todos se juntavam para assistir programas em uma única TV. “Na Copa do Mundo de 1970 eram cinco aparelhos em Brazlândia. Aquilo marcou muito, foi um grande alvoroço”, relata.

Com um dos pés nas origens goianas da família, a fazenda onde os irmãos tiram leite fica exatamente na divisa entre DF e Goiás, na DF-205 região Vale dos Anjicos, próximo ao Curralinho, onde o leite é vendido e os produtores ajudam a promover a festa do leite. Os dois têm 15 vacas leiteiras, todas tratadas carinhosamente pelo nome e que rendem, em média, 10 litros por dia cada uma. Tem o boi Judeu, a vaca-quinha Mourinha, a Vitória...

**ONDE NASCERAM:**  
No Hospital Evangélico de Anápolis

**ORIGEM FAMILIAR:**  
Pai e mãe goianos

**LEMBRANÇAS DE INFÂNCIA:**  
“Do esqueleto do Congresso Nacional” (Ricardo) e “Das empoeiradas ruas da Asa Norte onde o meu pai vendia leite” (Roberto).

**O QUE GOSTAM EM BRASÍLIA:**  
De ser parte da história da construção da capital. “Temos orgulho de ter crescido junto com a capital.”



**BRASILIA:** De ser parte da história da construção da capital. "Temos orgulho de ter crescido junto com a capital."

livro *História de Brasília*, publicado em 1997, o médico e pioneiro Ernesto Silva crava que os meninos Ricardo e Roberto Alcântara são, de fato, os primeiros gêmeos. Que importa onde foram registrados? Em 1960, por exemplo, o IBGE revelava que apenas 5.918 pessoas haviam nascido no quadrilátero que formou o DF (52 peccuaristas). Ricardo e Roberto não abrem mão: estão entre esses.

Em dezembro de 1956 a construção ainda engatinhava e não existiam hospitais em Brasília — o primeiro só veio em julho de 1957, no Núcleo Bandeirante. José Luiz, o pai, conta que teve que levar a esposa da Granja do Torto, onde moravam, até a um hospital de Anápolis, Goiás, para que os gêmeos pudessem nascer. "Se existe algum lugar para os meninos nascerem aqui, eu os tinha levado", ressalta. Hoje, Roberto e Ricardo são produtores de leite no Vale do Curralinho, a 18km de

são, relembra o pai. "Não tínhamos escola e mal tivemos tempo para juntar todas as coisas", conta seu José Luiz.

Ricardo nasceu cinco minutos antes do irmão Roberto. Ambos têm lembranças muito diferentes da Asa Norte, onde o pai vendia leite. "Onde hoje é a W3 Norte só existia um poeirão. E piorava quando passávamos com o jipinho cheio de galões de leite da fazenda para vender para os primeiros moradores daquela área", conta Roberto. "Lembro que tinha muito turco e japonês, a gente ouvia eles falando e não entendia nada, até chegávamos a pensar que ele estavam brigando quando conversavam".

A profissão passou de pai para filho e, hoje, os dois irmãos também tiram suas rendas da venda do leite. Em todo o DF 2.412 famílias vivem da pecuária. "Ter visto tudo se erger, mesmo sem entender a grandiosidade daquilo, me

da onde os irmãos tiram leite fica exatamente na divisa entre DF e Goiás, na DF-205 região Vale dos Anjicos, próximo ao Curralinho, onde o leite é vendido e os produtores ajudam a promover a festa do leite. Os dois têm 15 vacas leiteiras, todas tratadas carinhosamente pelo nome e que rendem, em média, 10 litros por dia cada uma. Tem o boi Judeu, a vaquinha Mourinha, a Vitória...

A família dos irmãos Alcântara espera a chegada da terceira geração. Roberto tem cinco filhos e aguarda ansiosamente a chegada do primeiro neto para o final deste ano. "Vai nascer no mesmo dia do meu aniversário, 14 de dezembro", torce. Mesmo longe do Plano Piloto de Lucio Costa e Oscar Niemeyer, várias famílias como a dos gêmeos Ricardo e Roberto foram fundamentais na construção da história de Brasília. Mesmo que apenas fornecendo leite.



ALEXANDRE VIDIGAL, 27 ANOS: "O CONTORNO DO PLANO PILOTO SE DESFEZ. AGORA, ESTÁ TUDO DILUÍDO NA PAISAGEM"

## O Plano e o PILOTO

**Paixão pela cidade é pano de fundo para uma vida cheia de realizações e interação com o local onde mora. Para Alexandre Vidigal, o Lago Paranoá é a vida de Brasília**

MARINA AMAZONAS  
DA EQUIPE DO CORREIO

Aos 11 anos, Alexandre Vidigal arrumou um plano: seria piloto. Aos 27, idade que tem hoje, é comandante de aeronaves e se mantém no rumo do seu plano inicial: o Plano Piloto. Apaixonado por Brasília, ele é um privilegiado. Mora na cidade que seus pais, ambos mineiros, escolheram para viver e que ele, desde pequeno, aprendeu a admirar. Tem na sua profissão a grande realização da vida. "Sou louco por Brasília. Já morei em outras cidades, mas esse é o lugar que eu escolhi para ficar, trabalhar e constituir família", diz, com orgulho, o comandante.

Nascido no final da Asa Sul, sua infância foi toda passada em Taguatinga. "Lembro muito das brincadeiras na rua. Carniça, pique-esconde, jogos de bola. Era sempre um barato encontrar os vizinhos", conta Alexandre. Foi mais ou menos nessa época que ele traçou o plano de ser piloto. "Essa é a profissão do meu irmão também. Acho que me inspirei nele e desde pequeno sonhava em comandar aeronaves", completa.

Durante a construção de Brasília, segundo o IBGE, existiam apenas oito pilotos no DF. Hoje, Alexandre engrossa o coro dos aproximadamente 60 comandantes aeronáuticos na cidade e, apesar de pilotar aviões e de ter vivido sempre "em cima de um avião", esse, imaginado por Lúcio Costa, sua principal referência à coincidência é o fato de Brasília não ser mais a mesma. "O contorno do Plano Piloto se desfez. Em alguns vãos da minha infância, o desenho era bem definido. Agora, está tudo diluído na paisagem", lamenta Vidigal, que

atribui o desaparecimento de um de seus aviões à desesperada corrida da construção civil e aos condomínios. "Quanto mais casas e prédios constroem, menos minha cidade se parece com Brasília", reclama.

Da adolescência em Taguatinga, tem como principal referência algumas artimanhas bem características da idade. "A gente tocava a campainha das casas e saía correndo", conta rindo, com um quê de vergonha da própria brincadeira. "Mas bom mesmo eram as trilhas que fazíamos de bicicleta." Trilha de bicicleta em Taguatinga? Como assim? Esse moço que hoje é piloto profissional de uma empresa de jatinhos, leia-se, conduz aviões para grandes empresários, descobriu, junto com os amigos, que os túneis abertos para a construção do metrô de Brasília deram origem às melhores trilhas para bicicletas na região.

"Era demais. Uma buraqueira danada, muitas possibilidades de manobra. Mas o melhor era quando chovia. Passávamos com a água quase no guidão da bicicleta. Exigia uma pericia danada", descreve orgulhoso da própria coragem e audácia, já que além de radical, os túneis eram bem perigosos. Mas nada que um já piloto não tirasse de letra.

Além da saudade das peripécias juvenis, o comandante sente falta de algo bem mais forte. "Entre a Asa Sul e o Guará,

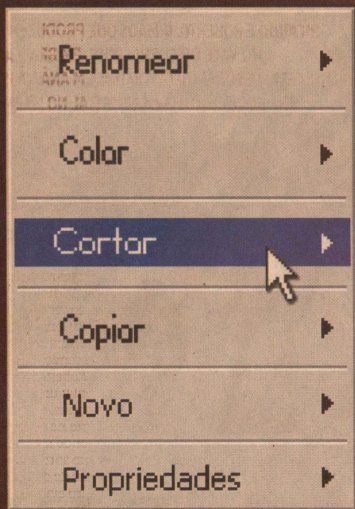
e de lá até Taguatinga, existia uma mata maravilhosa. Para mim, essa imagem é muito forte. Hoje, são casas e prédios para todos os lados. Isso é muito triste", lamenta Vidigal.

Apesar de morar em Taguatinga e de viajar bastante, Alexandre Vidigal não perde tempo quando está na cidade: vai direto para a orla. "O Lago Paranoá é a vida de Brasília", comenta. Seus locais preferidos são o Pontão do Lago Sul, Pier 21 e, para contemplar um belo pôr-do-sol, a Ermida Dom Bosco. "São lugares obrigatórios para qualquer pessoa em visita à cidade", garante.

Quando não está curtindo a família ou contemplando as águas do Paranoá, pasmem, ele volta ao local de trabalho. "Gosto tanto de ser piloto que venho para cá (o hangar) mesmo quando estou de folga. Pode olhar que não sou só eu", fala apontando para vários colegas de profissão reunidos para um bate-papo informal.

Seja no Lago Paranoá, no Plano Piloto, em Taguatinga ou no hangar onde trabalha, Alexandre tem apenas uma grande certeza. "Devo tudo a Brasília. Aqui pude realizar meus sonhos, me tornei piloto, conheci minha companheira e tudo isso com uma qualidade de vida rara em capitais do país", determina.









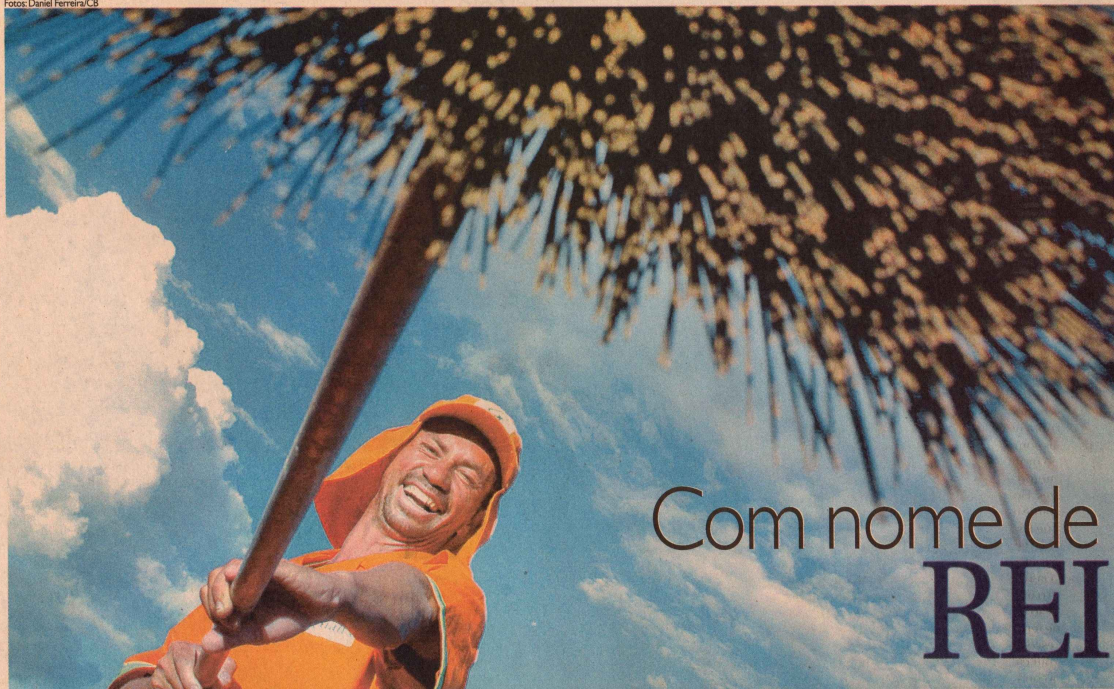
Nossa homenagem aos 47 anos de uma cidade tão moderna quanto a gente. **Parabéns, Brasília.**

**CTCS**  
PAIXÃO PELO FUTURO





Fotos: Daniel Ferreira/CB



# Com nome de REI

ROBERTO CARLOS, NASCIDO NO NÚCLEO BANDEIRANTE: SERVENTE DE PEDREIRO, CAMELÔ, VIGIA DE CARRO E, AGORA, GARI — O PRIMEIRO EMPREGO COM CARTEIRA ASSINADA

**Roberto Carlos gosta de fazer com o filho Igor o que não teve na infância: passear pela Água Mineral. Aos 36 anos, ele tem orgulho do primeiro emprego com carteira assinada**

#### MARCELO ABREU

DA EQUIPE DO CORREIO

A mãe dele adora os embalos da Jovem Guarda. E amava mais ainda Roberto Carlos, com seu calhambeque, vindo quente. Um dia, a moça engravidou. E jurou a si mesma que se fosse menino colocaria o nome do primeiro filho em sua homenagem. Promessa cumprida. Então veio ao mundo o

Rapaz, Roberto Carlos voltou para Brasília. Morou em invasão. Foi servente de pedreiro, camelô, vigia de carro e, há dois anos, o primeiro emprego com carteira assinada. Virou gari. Salário de R\$ 360. "Sou fichado", vangloria-se. Varre ruas e avenidas, corre atrás de caminhão malcheiroso e tira uma lição de vida a cada dia com o trabalho. "Meu sonho mesmo é ter um lugar para morar, uma casa de verdade", diz o homem, que, separado, mora num quarto alugado em Ceilândia.

de atestado. Três dias longe das ruas e das vassouras. "Nem reparei que o sol tava ardendo. Só percebi hoje. Quando tô com meu filho, esqueço do tempo", confia o homem que varre ruas, comprou há um ano o primeiro aparelho de som de sua vida, dividiu a compra em 12 suaves prestações e comprou, piratinha de tudo, na feira de Ceilândia, o CD do seu cantor sertanejo preferido, Eduardo Costa. "Adoro as músicas dele", diz. E do Roberto Carlos, o xará que o fez herdar o nome? "Também gosto, mas prefiro sertanejo", diz,

#### ONDE

#### NASCEU

Num antigo posto de saúde do Núcleo Bandeirante

#### ORIGEM

#### FAMILIAR

Mãe mineira, pai desconhecido

#### LEMBRANÇA DE INFÂNCIA

"Morava com uma tia, numa invasão atrás do Ceub, que parecia uma fazenda. A gente brincava, corria ali tudo"

#### O QUE GOSTA EM BRASÍLIA

Da Asa Sul. "As quadras têm prédios bonitos e muitas árvores"



**A**mãe dele adora os embalos da Jovem Guarda. E amava mais ainda Roberto Carlos, com seu calhambeque, vindo quente. Um dia, a moça engravidou. E Jurovi a si mesma que se fosse menino colocaria o nome do primeiro filho em sua homenagem. Promessa cumprida. Então veio ao mundo o Roberto Carlos, nascido numa espécie de hospital improvisado no Núcleo Bandeirante — na verdade, um posto de saúde de madeira. Essa história toda faz 36 anos.

Sem pai, Roberto Carlos cresceu. “Minha mãe nunca me contou quem era ele. Quando era criança, até quis saber, hoje, isso não tem mais importância pra mim. Nunca chamei ninguém de pai”, diz, visceralmente machucado. E o menino sem pai cresceu. Viveu boa parte da vida com a mãe cozinheira mineira de olhos verdes. Depois, adolescente, mudou-se, com a família, para Anápolis (GO). Lá, ajudava a mãe nas atividades domésticas.

invasão. Foi servente de peceiro, camêio, vigia de carro e, há dois anos, o primeiro emprego com carteira assinada. Virou gari. Salário de R\$ 360. “Sou fichado”, vangloria-se. Varre ruas e avenidas, corre atrás de caminhão malcheiroso e tira uma lição de vida a cada dia com o trabalho. “Meu sonho mesmo é ter um lugar para morar, uma casa de verdade”, diz o homem, que, separado, mora num quarto alugado em Ceilândia.

O menino que cresceu sem pai virou pai. E fez questão de ser um pai exemplar. Bruno Igor, com 10 anos, é a maior paixão do gari. “Por ele, faço qualquer coisa. Dou a minha vida. E ele gosta de mim de verdade”, extasia-se. Domingo passado, pai e filho foram à Água Mineral, passeio preferido do menino e onde o pai ia quando ali só existia um comércio. De Ceilândia até o parque são dois ônibus e quase duas horas de viagem.

De tanto brincar com o filho sob o calor de 30 graus, Roberto Carlos esqueceu-se do sol. Resultado: pegou tudo o sol do dia. Resultado: a pele ficou da cor de camarão. Três dias

reparei que ô sol tava ardendo. Só percebi quando já com meu filho, esqueço do tempo”, confidencia o homem que varre ruas, comprou há um ano o primeiro aparelho de som de sua vida, dividiu a compra em 12 suaves prestações e comprou, piratinha de tudo, na feira de Ceilândia, o CD do seu cantor sertanejo preferido, Eduardo Costa. “Adoro as músicas dele”, diz. E do Roberto Carlos, o xará que o fez herdar o nome? “Também gosto, mas prefiro sertanejo”, diz, convicto o brasileiro de alma quase goiana. “Boa parte da minha vida passei em Anápolis.”

O gari que ajuda Brasília a ficar mais limpa faz uma declaração de amor apaixonada à cidade que lhe deu emprego de carteira assinada: “Gosto muito desse lugar. É bom pra viver. Quero ficar aqui pro resto da minha vida”. E se não fosse gari, o que seria? “Policial civil, acho bonito”. Vergonha da profissão? “Não, tenho orgulho de dizer pra todo mundo que sou gari. Quando conheço uma mulher e ela pergunta o que sou, digo logo: ‘sou gari’”, garante. E ela? “Elas gostam de mim como sou”, invade-se.

**ONDE NASCEU**  
Hospital Unimed, na Asa Sul

**ORIGEM FAMILIAR**  
Pai maranhense e mãe brasileira

**LEMBRANÇA DA INFÂNCIA**  
“Pedalar no descampado, imaginando que a terra do formigueiro era areia movediça”

**O QUE GOSTA EM BRASÍLIA**  
Dos cenários verdes de Brasília: “Todo brasileiro é ligado ao verde de alguma forma”.



O DIPLOMATA ADAM JAYME POSA EM FRENTE AO ITAMARATY. ADMIRAÇÃO CONFESSA PELO PALÁCIO DOS ARCOS

LÍGIA MARIA LOPES  
DA EQUIPE DO CORREIO

## DE TURISTA a freqüentador

**Adam, que sempre acompanhava a avó Nana no roteiro turístico para parentes pela Esplanada, parava em frente ao Itamaraty. Hoje, trabalha lá**

**B**rasília é a capital da esperança e o cenário da história de amor dos avós do diplomata Adam Jayme Muniz, 23 anos. O avô goiano Eujácio Cristiano e a avó baiana Rosa Jayme migraram para a cidade quando tudo era um gigantesco canteiro de obras e foram morar, como quase todo mundo, no Núcleo Bandeirante — que, naquele tempo, janeiro de 1960, era chamada de Cidade Ldvre.

O casal núcleo da família Jayme conheceu-se na Asa Norte. Era começo do governo de Jânio Quadros e quase ninguém encanou a mudança da vila dos pioneiros para o Plano Piloto. Certo dia, a jovem baiana precisou de ajuda para abrir um barraco no novo bairro. Foi quando apareceu um goiano charmoso, que arrebatou o coração da proprietária da tapera. Apaixonaram-se de pronto. Casaram-se um ano depois, na

capela Dom Bosco, que em 1962 era um barracão de madeira.

Em janeiro de 1963, nascia a primeira filha, no Hospital Distrital — hoje Hospital de Base do Distrito Federal. A primogênita é mãe de Adam, que 20 anos depois nasceu num hospital particular da Asa Sul. Foi ouvindo essa história por incontáveis vezes que o jovem caiu de amores por Brasília.

Adam é brasileiro que não economiza nos elogios à cidade natal. Moço culto e vivaz, não faz o tipo intelectual, ainda que tenha sido aprovado, aos 22 anos, na primeira seleção que prestou, no ano passado, para o Instituto Rio Branco — em 2006, o IRB ofereceu 100 vagas das quais apenas sete foram preenchidas por brasileiros. A opção pela carreira diplomática, mais uma vez, teve influência da avó materna, a quem docemente chama de Nana.

O passeio pela Esplanada era o primeiro programa que os parentes de Nana faziam ao visitar Brasília. Caminhavam pelos ministérios, paravam de monumento em monumento para ouvir as histórias da nova cidade. De frente ao Ministério das Relações Exteriores, a avó dizia aos seus parentes que aquele era o Palácio dos Arcos. “Depois eu soube que minha avó usava o nome que Niemeyer tinha dado ao palácio, até para diferenciá-lo do prédio do Rio de Janeiro, o qual se chama Itamaraty”, conta Adam. O encanto da avó contagiou o neto, que incontáveis vezes fez o mesmo programa com amigos, brasileiros e estrangeiros. Com eles, posou para fotografia em frente aos arcos. Para eles, repetiu a mesma história sobre os vários nomes do MRE. “Minha relação com o Itamaraty começou naqueles passeios com a Nana”, observa o jovem.

Criado com os avós até os 8 anos, Adam cresceu na casa em um dia foi barraco. Passou as tardes de sua infância jogando bola nos terrenos baldios da Asa Norte ou pedalando com a turma da quadra. Bairroista, estudou no Projção da Asa Norte. Lá a pé para a escola. Aos 6 anos mudou-se para o Lago Norte, onde conquistou seus melhores amigos de infância, com quem mantém contato até hoje. Nesse tempo, aprendeu amar a paisagem verde do bairro e a linda vista do Lago Paranoá.

Brasília é cidade de contrastes. É centro administrativo com clima de interior; a cidade em que Adam cresceu oferecia-lhe os passeios ao foguete e castelinho. Nas ruas do Lago Norte, ele brincou e se machucou com patins. É também é lugar de ar cosmopolita. Por vezes, a capital foi ponto de encontro com os amigos de outros cantos do Brasil e do mundo. Que, além de visitar a Esplanada dos Ministérios, viram o pôr-do-sol do Pontão do Lago. “É uma cena inigualável de uma cidade única em que a luz brinca com as cores”, derrete-se.





# UM AMOR

## que rende frutos

Desde a infância Ricardo mantém uma lista de boas realizações na cidade: as brincadeiras nas áreas verdes, os passeios no lago Paranoá, as noites no Pontão, as oportunidades profissionais...

MARIANA MAZZA  
DA EQUIPE DO CORREIO

Não faz muito tempo que o empresário Ricardo Cordeiro começou a admirar a estética de Brasília. Foi em 2002, quando a paisagem da cidade ganhou a presença da Ponte JK, que Cordeiro percebeu a beleza da cidade natal. "Como meu sogro mora no Lago, passei a usar a ponte e acabei reparando mais como Brasília é bonita", confessa.

A frente do próprio negócio no ramo imobiliário, o rapaz que jamais morou fora da cidade continua firme na escolha de ficar raízes. Hoje, ele só sai da capital em férias, em dois períodos durante o ano. Ele não passa mais tempo longe da cidade porque a saudade fala mais alto. "Sempre que vou para uma praia, fica aquele gostinho: 'Um dia eu vou morar aqui'. Mas passa. Sou muito apegado a Brasília, gosto de mais daqui. Dá 10 dias fora, já começo a pensar em voltar."

Cordeiro é o típico brasileiro que apostou na cidade e teve sucesso. Não tem o que reclamar do movimento na sua empresa, que tem mais de 700 imóveis sob sua administração. O ramo escolhido pelo empresário conta com o perfil da capital de atrair cada vez mais brasileiros em busca de empregos e uma condição melhor de vida. "Brasília mudou muito e oferece mais opções. É uma cidade bem diferente daquela que só tinha o ParkShopping para fazer compras. Acho que é por isso que tem tanta gente de fora. Para o meu ramo, é excelente. Estou muito satisfeito, sinceramente", explica, feliz.

Mas nem sempre Ricardo Cordeiro pensou em trabalhar com imóveis. A primeira porta que se abriu no ramo profissional foi no serviço público, coisa bastante comum para um adolescente de Brasília na década de 80. Aos 17 anos,

Daniel Ferreira/CB



RICARDO CORDEIRO, EMPRESÁRIO DO SETOR IMOBILIÁRIO: "SE PASSO DEZ DIAS FORA DAQUI, JÁ COMEÇO A PENSAR EM VOLTAR"

Cordeiro estagiava na Caixa Econômica Federal. Passava o resto do dia ajudando o pai na imobiliária. Depois, conseguiu um emprego no Banco do Brasil. Teve chance de ser contratado, mas não seguiu em frente. "Eu não me via dentro do serviço público, não gostava daquela rotina. O que eu queria era estar com as pessoas, mostrar os imóveis. Devo ter puxado do meu pai o tino para os negócios."

Ricardo assumiu a imobiliária e hoje está mais do que acostumado com a rotina profissional. O trabalho ocupa quase todo o tempo do empresário de 36 anos. Pouco sobra para curtir hobbies antigos como passear de lancha no lago. A diversão náutica deu lugar a uma reforma no apartamento onde mora no Sudoeste com a mulher e o filho de quatro

anos. Mas até hoje ele se arrepende de ter vendido a lancha. Para Cordeiro, as águas do Paranoá também têm seu encanto. "Para quem sabe curtir, o lago supera a falta de praia", garante. Por outro lado, ele acredita que a distância do mar desperta um sentimento positivo no brasileiro: o turista da capital federal dá mais valor à praia do que os moradores das cidades litorâneas.

Com um tom nostálgico, Rodrigo lembra a infância pelos gramados de Brasília, soltando pipa e correndo com carrinhos de rolimã. Lamenta apenas que o filho não terá as mesmas oportunidades de brincar livremente, como ele e as quatro irmãs tiveram. Culpa da violência, que incomoda a maioria dos brasileiros nos dias atuais. Cordeiro lembra como Brasília era muito mais tranquila no seu período de criança. "É uma consequência do crescimento. Fazer o quê?", conforma-se.

A adolescência nas ruas vazias da capital federal também deixou saudades. "Lembro da ansiedade que era para tirar a carteira de motorista e poder ir para o Gilberto Salomão, para o Pontão de antigamente, quando a gente fazia fogueira e ficava cantando à noite toda." Os históricos shows da cena rock da cidade não saem da memória. Cordeiro fala com orgulho da experiência de ter visto muitos shows do Capital Inicial e do Detrito Federal nos teatros e boates da cidade. "Assisti a muita banda boa na Zoom (antiga boate do Gilberto Salomão). Estive, inclusive, no último show do Legião aqui em Brasília. Aquele que deu confusão", rememora.

Cercado de brasileiros amigos de infância, Cordeiro garante que não mudaria nada da sua história. Sem qualquer arrependimento de jamais ter morado em outro lugar, o empresário se diz feliz e apaixonado por Brasília. "Não trocaria de cidade. Brasília é sensacional para morar."

**ONDE NASCEU**  
Hospital  
Santa Helena,  
na Asa Norte

**ORIGEM FAMILIAR**  
Pai e mãe cearenses

**LEMBRANÇA DA INFÂNCIA:**  
"Fechar a rua onde morava em Sobradinho para brincar de queimada e golzinho"

**O QUE GOSTA EM BRASÍLIA:**  
Esplanada dos Ministérios e Praça dos Três Poderes. "É muito agradável passar por um lugar, com a grama sempre verde, tudo tão organizado e limpinho. Acho linda essa parte de Brasília."





Uma cidade com essa quantidade de QI's, tinha que ter uma faculdade à altura.



Parabéns, Brasília.





**ONDE NASCEU**  
Hospital Santa Helena, na Asa Norte

**ORIGEM FAMILIAR**  
A mãe é carioca e o pai mineiro

**LEMBRANÇA DE INFÂNCIA**  
"As brincadeiras com os primos na casa dos avós, na Velhacop"

**QUE GOSTA EM BRASÍLIA**  
O comportamento da população. "Ninguém acredita que os motoristas param para os pedestres passarem na faixa"

**Os pais de Carlos Alberto Tabanez se conheceram na Velhacop, antigo nome dado à Candangolândia. Integrante da Polícia Civil desde 1995, lamenta o sumiço das crianças brincando nas ruas**

## MEMÓRIAS de um policial

JORGE DE CASTRO  
DA EQUIPE DO CORREIO

N o mesmo ano que o plano piloto de Lucio Costa venceu o concurso para o projeto urbanístico de Brasília, o pai do policial Carlos Alberto Rodriguez Tabanez, chegou para ajudar na construção da futura capital federal. Na mesma época, o avô materno do agente da Delegação de Operações Especiais (DOE) vinha de Minas quando era marceneiro. O candango também trazia na bagagem o sonho de uma vida próspera na cidade. Morando na antiga Velhacop (a antiga Candangolândia), os pais do policial se conheceram, em 1962, graças a uma partida de pingue-pongue disputada na própria Velhacop, onde o pai dela trabalhava — ele era marceneiro. Sete anos mais tarde, os dois se casaram e, em 1970, nascia Tabanez, primeiro dos dois filhos do casal.

O sobrenome, utilizado hoje como nome de guerra do policial, é o mesmo que o tio dele usava quando era policial civil. Por volta dos cinco anos — ele não sabe precisar bem a idade — Carlos Alberto conta que era comum ver o tio chegando para visitar o irmão com o carro policial, arma na cintura. "Lembro que o carro que a polícia usava era um fusquinha. O carro era preto e branco e o pessoal o chamava de joaninha", relembra. Começava ali o sonho que, 20 anos mais tarde, se concretizaria: tornar-se um policial. Atualmente, ele é chefe de 14 agentes da Seção de Proteção à Pessoa da DOE. Ao todo, a Polícia Civil do DF tem 5,5 mil policiais na ativa, entre agentes, delegados, escrivães e peritos.

As brincadeiras de criança, na Asa Sul despertaram o interesse de Carlos Alberto pela investigação. "Gostava de

Daniel Ferreira/CB



TABANEZ, QUE ESCOLHEU A PROFISSÃO POR INFLUÊNCIA DO TIO: "LEMBRO QUE O CARRO DA POLÍCIA ERA UM FUSQUINHA PRETO E BRANCO"

brincar com aqueles brinquedos de alquimistas. Isso influenciou na escolha da profissão também", explica Carlos, que se formou em química na Universidade Católica de Brasília. Ele entrou na faculdade em 1988, quando o país vivia os primeiros anos da redemocratização e as atenções da sociedade se voltava para o Congresso Nacional, onde, em outubro daquele ano, os constituintes promulgavam a nova Constituição Federal. Antes de passar no concurso público de agente da Polícia Civil, em 1995, o estudante universitário Tabanez deu aulas de química em 10 escolas do DE "Há ex-alunos meus que hoje estão na polícia também", comenta o ex-professor.

Nos primeiros anos de Brasília, a família de Carlos morou na 408 Sul e 402 Sul. Depois, mudou com os pais para o Guarará, onde está há 30 anos. Ainda criança, a família foi morar no Guarará. Os apartamentos não existiam e o local já não era mais apenas um assentamento. Com os amigos, Carlos Alberto brincava de futebol e de pipa. "Até hoje tem gente de todas as idades soltando pipa, lá", afirma. "Hoje, não vemos mais as crianças brincando com antigamente. Futebol ainda tem, mas queimada não vejo mais", descreve.

Nos fins de semana, os três iam para a casa dos avós, na

Velhacop, onde encontrava o restante da família. "Todo domingo tinha almoço na casa deles", recorda. A poeira, comum em vários pontos do DF naquela época, não era usual no Guarará, mas fazia parte da rotina dos pioneiros que viviam na região. "A Candangolândia, onde meus avós moravam, é como uma chácara nos dias de hoje. Era ótimo. Lá tinha muito mato, muito lugar para brincar de pique-esconde, queimada", lembra. O policial preocupa-se com as próximas gerações. "Hoje as crianças não têm aquela liberdade de antigamente. Acho que meus filhos não terão essa oportunidade. Principalmente, porque antes não tinha a violência que existe nos dias de hoje", lamenta Tabanez.

Ainda assim, ele afirma que a capital federal é o melhor lugar para se morar. "Já viajei por todo o Brasil dando cursos especializados. Quando as viagens duram mais de 15 dias, fico agoniado para voltar", afirma. "Sair de Brasília por uma semana é ótimo. Mais do que isso, não dá", avalia o policial. "Todo mundo que sai daqui fica louco para voltar", acredita. Como nada no mundo é perfeito, ele aponta apenas um defeito geográfico da cidade. "Só falta uma praia para que Brasília seja o melhor lugar do mundo", ressalva. "A cidade tem uma realidade diferente de qualquer outra do Brasil", completa.





## EXEMPLO DE CIDADANIA

Brasília, aos 47 anos, continua sendo modelo de qualidade de vida para todo o país. Um bom exemplo é a nossa faixa de pedestre, orgulho de todos nós, símbolo de cidadania, que completou 10 anos e está sendo revitalizada pelo Detran, com elevação, nova pintura, mais iluminação e melhor sinalização.

**Comemore. Essa festa é sua.  
A faixa é 10!**

DETRAN-DF

Secretaria de  
Transportes



Daniel Ferreira/CB



ELISAMA, PASTOR DA SARA NOSSA TERRA. VIDA MISSIONÁRIA DESDE A ADOLESCÊNCIA

**ONDE  
NASCEU**  
Hospital de  
Base

**ORIGEM  
FAMILIAR**  
Pai e mãe  
piauienses

**LEMBRANÇA  
DE INFÂNCIA**  
Liberdade de  
brincar numa  
cidade sem  
violência

**O QUE GOSTA  
EM BRASÍLIA**  
Shopping. "É  
bacana ter  
tantas opções  
de shoppings.  
Gosto desses  
lugares  
porque eles  
reúnem várias  
opções de  
lazer"

**Após a infância feliz em Planaltina, Elisama Reis passou a se dedicar ao evangelho quando passou a frequentar uma igreja no Gama. Hoje, ele ajuda na formação de novos pastores**

## Jornada de ALEGRIAS

LÍLIA MARIA LOPES

DA EQUIPE DO CORREIO

A família do pastor Elisama Reis, 36 anos, morou na antiga Vila Lapi (no Núcleo Bandeirante) e no Gama. Mas foi em Planaltina que o brasileiro viveu os melhores momentos da infância. Naquele início dos anos 70, o povoado, juntamente com Planaltina Velha e Vila Vicentina, foi cenário das alegrias do menino, que lá aprendeu a viver com simplicidade. O tempo de moleque foi aproveitado com "brincadeiras que a meninada de hoje já não valoriza". Elisama jogava bola na rua, brincava com carrinho de rolamento e tomava banho nas águas cristalinas do córrego Fumal. "Foi muito gostoso viver ali", comenta. Entre as lembranças da infância, estão também as manhãs de domingos, em que participava da esco-

la dominical — espécie de culto em que as famílias fazem estudo bíblico.

Em 1983, Elisama voltou para o Gama, onde a família morava antes de se mudar para Planaltina. Começou a frequentar a igreja. Passou a integrar o grupo *Embaixadores de Cristo*, uma espécie de escoteiros evangélicos. Pouco depois, enveredou pela evangelização. Ia de escola em escola, falando de Deus e da Bíblia. A oração diária de 15 minutos no pátio dos colégios era coordenada por várias igrejas, entre as quais estava a Batista do Gama, onde Elisama congregava.

Elisama decidiu dar um novo rumo para a vida missionária em 1997. Transferiu-se para a Sara Nossa Terra no Sudoeste. Atualmente, Elisama trabalha na igreja, onde forma líderes para pregar o Evangelho.

Depois de morar em diferentes cidades e pregar nos quatro cantos do Distrito Federal, o pastor instalou-se com a mulher e o filho no Núcleo Bandeirante. Afinal foi próximo dali, na antiga Vila Lapi, que a história de sua família e da capital começaram. Em uma frase simples, o pastor resume a sua paz de espírito. "Cumpro a missão que Deus me deu. Esse era o plano do Senhor para a minha vida."





# As unhas DA GATA

Wenderson Araujo/Especial para o CB



MÁRCIA: NASCIDA NO GAMA, DESEJA MORAR MAIS PERTO DO PLANO

**Grávida de sete meses, a manicure Márcia dos Santos encara rotina de até nove horas de trabalho sem reclamar. Ex-moradora do Jardim Ingá, mudou-se para a Asa Norte. E já procura uma casa maior**

**DANIELLE ROMANI**  
DA EQUIPE DO CORREIO

**A** manicure Márcia Machado dos Santos faz o tipo "mulherão": rosto exótico, pele perfeita, olhos amendoados, 1,70m de altura distribuídos por um corpaço, além de 22 aninhos de praia e muita garra. Grávida de sete meses, esbanja elegância e saúde. Quem a vê não pode imaginar que a garota rala, e muito, para ter uma vida digna, e ganhar um salário que pode alcançar entre R\$ 400 a R\$ 700 por mês. Mesmo com o barrigão, trabalha até nove horas diárias em um salão da Asa Norte, um dos 2 mil estabelecimentos legais em funcionamento no Distrito Federal. Outros 2,6 mil funcionam na clandestinidade.

A rotina da manicure a obriga a ficar curvada tempo demais. O efeito é avassalador: de noite, tudo dói. Márcia tem muitas clientes, a maioria amigas. Mas confessa que sempre aparece uma "mala sem alça" pela frente. "Tem aquelas que acham que somos empregadas delas, nos tratam como saco de pancadas. Outras esperam milagres: vêm aqui uma vez na vida e querem que deixemos pés e mãos perfeitos", explica. Márcia está apenas aguardando o nascimento do bebê para se matricular num curso de podologia, o que lhe permitirá cuidar da saúde dos pés das brasileiras. "É uma forma de crescer profissionalmente", diz a moça, que adora enfrentar desafios no salão de beleza. Enquanto muitas profissionais odeiam utilizar a técnica de pintura batizada de *francesinha*, que resalta a ponta da unha, ela adora. "Só assim a mão fica totalmente limpinha. Fico feliz quando vejo a perfeição", diz.

Ela jamais reclama. "É gratificante ter uma profissão, um trabalho. Sou uma felizarda num país de tantas desigualdades: posso pagar minhas contas, planejar meu futuro." Em 2006, conseguiu melhorar o padrão

de vida. Trocou uma casa de dois quartos, quintal e terraço no Jardim Ingá (bairro de Luziânia), onde pagava R\$ 180, para ocupar um apartamento de quarto e sala, no subsolo de uma comercial na Asa Norte. Não por acaso, embaixo do local de trabalho.

Márcia relembra os tempos difíceis. "Gostava do Jardim, mas ficava muito longe. Para chegar no meu emprego às 8h30 tinha que pegar o ônibus das 6h30. De noite, então, era um suplício! Levava mais tempo no coletivo do que em casa", conta Márcia. A brasileira nascida no Gama mudou-se para o Jardim Ingá aos 6 anos. Os pais enfrentavam problemas financeiros e foram obrigados a buscar opções de moradia mais barata. "Chegamos a passar muitas necessidades. Meu pai era pedreiro e nem sempre encontrava trabalho", conta.

Da época de infância recorda bem as visitas que fazia com o pai ao Plano Piloto, e das brincadeiras nas ruas do Gama e Jardim Ingá com os muitos coleguinhas e os dois irmãos. "Quando ele (o pai) vinha para cá (Plano), a gente vinha junto. Era festa, achávamos tudo diferente, era outro mundo", recorda Márcia.

Com a expectativa do nascimento da filha, ela e o companheiro Elias estão à procura de um local mais amplo para morar. "Estamos vendo casas na Candangolândia, Núcleo Bandeirante ou no Guará. Só não pode ser no Plano, pois é muito caro", conta a futura mãe, que sonha em montar o quarto do bebê com o mesmo cuidado com o qual escolheu o seu nome. "Minha filha vai se chamar Sofia, que quer dizer sabedoria. É isso que eu quero que ela tenha. Meu maior desejo é que ela possa ter condições de estudar e ser alguém na vida, tudo o que não tive", conta Márcia, que completou o 2º grau e sonha fazer Direito. "Tenho fascínio pela área. Gostaria de estudar, conhecer mais as leis. Meu sonho é ser juíza ou delegada", explica a moça. Por enquanto desistiu de tentar um vestibular, mas garante: "um dia eu chego lá."

**ONDE NASCEU**  
HOSPITAL REGIONAL  
DO GAMA (HRG)

**ORIGEM FAMILIAR**  
A MÃE É GOLANA O PAI  
É CAPEXABA

**LEMBRANÇA DA  
INFÂNCIA**  
"AS VISITAS ÀS OBRAS  
DO PLANO PILOTO  
COM O MEU PAI, QUE  
É PEDREIRO"

**O QUE GOSTA EM  
BRASÍLIA**  
DATORRE DE TV  
"É UM LOCAL AMPLO,  
CHEIO DE SOI, COM  
MUITAS OPÇÕES. E  
QUEM SOBRE TEM  
UMA BELA VISTA"



# Essa arquitetura é toda de Brasília. Esse banco também.

Homenagem do Banco do Brasil a todos que  
vivem nesta cidade cheia de histórias para  
contar. Aproveite, brasiliense.



Todo  
seu



bb.com.br



# BANCO DO BRASILIENSE





# Entre BITES E batons

**ONDE  
NASCEU**  
Hospital de Base,  
na Asa Sul

**ORIGEM  
FAMILIAR:**  
Pai e mãe  
maranhenses

**LEMBRANÇA  
DE INFÂNCIA:**  
"Andar aos sábados  
pela manhã na W3  
para olhar as vitrines  
com minha mãe"

**O QUE GOSTA  
EM BRASÍLIA:**  
Parque da Cidade.  
"Lá a gente vê as  
várias gerações que  
vivem na cidade.  
Desde pessoas mais  
antigas, quanto a  
meninada."

**FERNANDO BRAGA**  
DA EQUIPE DO CORREIO

Como minoria num meio formado basicamente por homens, as mulheres batalham para conquistar o devido espaço no mercado de tecnologia. E se hoje, com o mundo globalizado, apenas 25% das pessoas que trabalham no campo são mulheres (segundo dados do International Data Group), imagine o que era para as primeiras profissionais que ingressaram na profissão há três décadas. "Eu peguei a fase em que as secretárias saíram das máquinas de escrever e foram para os computadores", lembra Lizimar Mendes, de 44 anos.

"Quando entrei no curso de análise de sistemas na Universidade Católica, das 30 pessoas da minha turma apenas quatro eram mulheres", recorda. Filha caçula de pais maranhenses, ela nem sempre teve certeza da carreira que cursaria quando terminasse os estudos e ingressasse no ensino superior. "Na parte da manhã eu cursava psicologia, à tarde fazia Letras, e, à noite, análise de sistemas", conta.

"Meu pai era técnico em eletrônica e veio para Brasília para ajudar a fundar a Rádio Nacional. Ele foi o responsável por trazer os primeiros televisores à cores para a capital. Acho que foi por isso que herdei esse gosto por tecnologia", diz. Apesar de cursar uma carreira predominantemente composta por homens, ela conta que o pai sempre a apoiou. "Todo mundo achava que era coisa de louco fazer tecnologia, que era uma atividade para homens. Mas ele ficava todo orgulhoso de ter uma filha que cursava uma carreira diferente das demais", assume.

Atualmente casada e mãe de dois filhos, Lizimar nasceu três anos após a inauguração da cidade. cresceu observando

Wenderson Araújo/Especial para o CB



LIZIMAR MENDES, ANALISTA DE SISTEMA: UMA ESTRANHA NO MEIO DE UM MUNDO MASCULINO

do do Cine Karin, o Ginga, na 104 sul, e a boate Sunshine, no Gilberto Salomão", diz, fazendo um exercício com a memória, vasculhando recordações do passado.

**Da matricial ao notebook**

mundo da tecnologia na década de 1980.

Mas a principal delas aconteceu em 1998, quando a Telebrasil foi privatizada. "Foi uma mudança radical e tive que lidar com novos conceitos e algumas quebras de paradigma". Atualmente, Lizimar ocupa o cargo de gerente de pla-

empresa mais respeitada da área na época. "O que me chamava a atenção era o fato de mudar o processo de como as coisas eram feitas. A gente estava saindo de um modo mecânico e burocrático e víamos as novidades apresentadas pela tecnologia. Parecia que a gente estava arrumando o mundo", lembra. A entrega total às jornadas de trabalho fez a moça ser reconhecida internamente e conquistar cargos de chefia. "Foi um pouco estranho porque eu lidava basicamente com homens. Muitas vezes pessoas me ligavam procurando o Lizimar e eu respondia que era eu mesmo", recorda aos risos. Dos antigos monitores verdes às barulhentas impressoras matriciais, ela acompanhou a avalanche de mudanças que sacudiu o



composta por homens, ela conta que o pai sempre apoiou. "Todo mundo achava que era coisa de louco fazer tecnologia, que era uma atividade para homens. Mas ele ficava todo orgulhoso de ter uma filha que cursava uma carreira diferente das demais", assume.

Atualmente casada e mãe de dois filhos, Lizimar nasceu três anos após a inauguração da cidade, cresceu observando o desenvolvimento da capital e aproveitou os sabores da infância no meio do planalto central. "Quando criança, lembro da turma que se reunia embaixo dos prédios para brincar de queimada. Aos sábados, minha mãe me levava para ver as vitrines das lojas da avenida W3 Sul que eram as mais baladas", recorda. Na adolescência, os agitos eram outros. "Os points da minha geração eram o Foods, que ficava ao la-

do do Cine Karin, o Ginga, na 104 sul, e a boate Sunshine, no Gilberto Salomão", diz, fazendo um exercício com a memória, vasculhando recordações do passado.

### Da matricial ao notebook

Assim, aos 20 anos ela já estava formada e em busca de um emprego, que não demorou a aparecer. Primeiro trabalhou numa empresa que fabricava e vendia PCs. "Eu fazia demonstração dos computadores aos clientes. Aquilo tudo era muito novo".

Logo após foi contratada para atuar como programadora e integrar o quadro de funcionários da antiga Telebrasília, a

companhou a avalanche

de mudanças que sacudiu o mundo da tecnologia na década de 1980. Mas a principal delas aconteceu em 1993, quando a Telebrasília foi privatizada. "Foi uma mudança radical e tive que lidar com novos conceitos e algumas quebras de paradigmas". Atualmente, Lizimar ocupa o cargo de gerente de planejamento e afirma que, mesmo após duas décadas de avanços entre softwares e hardwares, a rotina de serviço geralmente ultrapassa as 12 horas de trabalho. "Brasília é um mercado desafiador. E no mundo de TI é preciso estar sempre atualizado". Para isso, ela não desgruda do celular e do computador pessoal. "Tem gente que diz que o notebook é o meu marido", diz.

### ONDE

#### NASCEU

Hospital da Força Aérea de Brasília, no Lago Sul

### ORIGEM

#### FAMILIAR

Mãe é gáucha, pai é mineiro

### LEMBRANÇA

#### DE INFÂNCIAS

"Passei minha infância quase toda na frente da televisão com um controle de videogame apertado entre os dedos, ouvindo que isso acabava com a minha sagrada imaginação de criança. Devo estar com meus textos esquisitos, saldando alguma dívida metafísica".

### QUE GOSTA

#### DE BRASÍLIA

"Eu gosto de saber mais ou menos onde ficam as coisas. Meus amigos quase todos moram aqui. Acho que eu tenho pouco apego a lugares em geral. Talvez eu seja meio acomodado, mesmo e viva aqui de inércia".

# Um desenho E O ESCRITOR

CAROLINE LASNEAUX

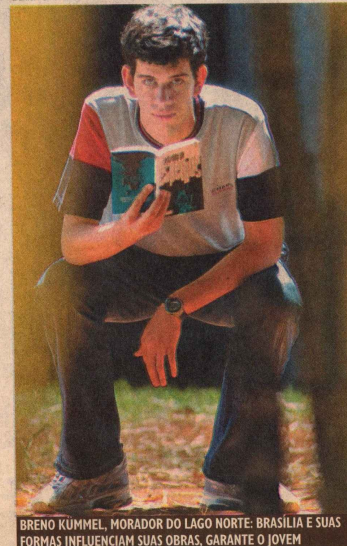
DA EQUIPE DO CORREIO

No primeiro contato, Breno Kümmel pareceu arreado. "Seria incômodo se você mandasse as perguntas por e-mail?", disse. "É que eu me expressei melhor escrevendo. Sou péssimo falando". Fazer entrevista por e-mail é péssimo para um jornalista. Não dá para saber se o entrevistado está nervoso, se está mentindo ou se perguntou para alguém se deveria (ou não) responder daquela forma à pergunta feita virtualmente. Mas, para um escritor, o argumento de que ele é melhor com as palavras escritas que faladas, foi convincente.

Ao receber as respostas, o rapaz de 21 anos, que por telefone pareceu envergonhado, se mostrou divertido. E bem à vontade com o texto. Por isso, é citado como uma das promessas da nova geração de escritores brasilienses. Morador do Lago Norte, o estudante de Letras da Universidade de Brasília (UnB) já lançou dois trabalhos: *Estrada de espelhos* e *Cacos de vidro*. "Foram duas publicações mas, na verdade, é um livro só. *Cacos de vidro* é uma pequena prévia de *Estrada de espelhos*. Os títulos foram até pensados para mostrar isso: o caco de vidro como sendo pedaço quebrado do espelho", conta. A ideia tinha o objetivo de custear a edição do livro completo e ajudar a divulgar o nome do escritor — para que as vendas do próximo fossem melhores. "Meus dois lançamentos foram pagos do meu bolso e parece que o terceiro vai ter o mesmo destino", comenta o rapaz.

No entanto, as dificuldades de colocar os livros nas prateleiras não desanimam Kümmel. Para ele, os percalços são até benéficos. "Acaba servindo como uma bar-

Daniel Ferreira/CS



BRENO KÜMMEI, MORADOR DO LAGO NORTE: BRASÍLIA E SUAS FORMAS INFLUENCIAM SUAS OBRAS, GARANTE O JOVEM

**Jovem de 21 anos, autor de duas obras, diz que as formas de Brasília influenciam seu trabalho. "Nos meus textos, sempre aparece um carro".**

reira para que somente os escritores menos levianos publiquem suas obras", diz. "Uma coisa é um cara dispor de alguns minutos de seu tempo para rabiscar algumas linhas. Outra é ele estar disposto a gastar do seu dinheiro para que outras pessoas tenham chance de ler". Kümmel cita autores como Rubem Fonseca, Sérgio Sant'Anna e Jorge Luis Borges, que também tiveram edições independentes para o primeiro livro, como exemplos. "Não tenho como me imaginar em melhor companhia".

O gosto pela literatura começou quando Kümmel tinha 15 anos. Rabiscava algumas crônicas e mostrava aos amigos. A vontade de escrever mais a sério veio depois que o rapaz leu o conto *O arquivo*, de Victor Giudice. "Até hoje só li esse texto dele, mas aquilo me entorpecceu", diz o escritor. Ele acha que Brasília e suas formas influenciam em sua escrita. "É praticamente impossível você dar uma simples caminhada pelas ruas do jeito que se faz em outras metrópoles, só andando e olhando em volta. Chega até a ser um meio irônico o respeito pela faixa de pedestre numa cidade em que só se chega a qualquer lugar se você for de carro ou ônibus. Deve ser por isso que nos meus textos quase sempre aparece um carro ou uma descrição do asfalto, coisas assim, quase subconscientes. Mais claro do que isso, só tivesse as medonhas curvas de concreto do Niemeyer", avalia.

O próximo livro de contos, *Perfume gasolina*, já está pronto. Agora, só falta conseguir uma editora para ajudar na distribuição. "Queria conseguir uma editora maior porque vender livro não é comigo. A pessoa tem que ter uma lábia que eu, sinceramente, não tenho", disse Kümmel — desta vez, em um contato pessoal, quando apareceu para fazer a foto.





A bailarina Micheline Santiago gosta de se apresentar em espaços livres como o Parque da Cidade e a Torre de TV e observar a reação dos brasilienses com a arte

# A DANÇA nas ruas

RAFAEL MESQUITA

DA EQUIPE DO CORREIO

**M**icheline Diniz Santiago prefere ser chamada apenas pelo primeiro e último nomes. "É o artístico", ressalta a bailarina brasiliense de 33 anos. Quando questionada se o que faz é balé, ela responde: "Gosto de balé, mas prefiro a dança contemporânea, porque nela posso criar mais movimentos".

A dança moderna modificou as "posições-base" do balé clássico. A modalidade busca uma ruptura, chegando, às vezes, até mesmo a deixar de lado a estética, já que o importante é a transmissão de sentimentos e idéias. Para alguns especialistas, quem faz esse tipo de dança não é bailarino. Mas Micheline discorda. "Me considero uma bailarina até mesmo quando estou atuando em um espetáculo de dança contemporânea", garante.

A história da brasiliense na vida artística começou cedo. Aos sete anos, Micheline iniciou as aulas de patinação. Em pouco tempo, ela já viajava com as apresentações por vários lugares do país. Aos 13, teve que largar a modalidade, porque o grupo de dança em que atuava na capital federal acabou. "E agora o que fazer?", perguntou. A resposta foi encontrada quando ainda com 15 anos a brasiliense iniciou as aulas de balé no grupo Proposta Cia. de Dança. De lá para cá, a bailarina já passou por quatro companhias na cidade, entre elas a Basirah e a ASQ.

Atualmente, ela atua de forma independente. Dessa maneira, Micheline fez a sua mais recente apresentação, na 406 Norte. Ao ar livre, em meio ao concreto dos blocos tão típicos de Brasília, a bailarina atuou no espetáculo *Tu não te moves de ti*, inspirado na obra de mesmo nome da escritora paulista Hilda Hilst, falecida em 2004. E o público brasiliense não fez feio. Das janelas dos apartamentos ou das calça-

Daniel Ferreira/CB



MICHELINE SANTIAGO: INTERAÇÃO COM O AMBIENTE URBANO PARA CATIVAR O PÚBLICO

das, a população acompanhou e aplaudiu Micheline e as outras duas bailarinas que compunham o espetáculo. "Era interessante ver a reação das pessoas e modificar o ritmo delas. Isso é a democratização da cultura num país em que poucos têm acesso à arte", acredita.

Além da 406 Norte, a bailarina já se apresentou ao ar livre em outros locais de Brasília, como o Parque da Cidade e a Torre de TV. E em qual espaço é mais difícil dançar, ao ar livre ou em espaços fechados? "É muito diferente. No teatro existe um chão, é mais difícil em locais abertos quando não se insere na ideia da dança", explica Micheline.

Mas a bailarina tem multifacetada. Ela também é advogada, já se formou há cinco anos e trabalha como orientadora de estudantes em fim de curso. Entre o balé e o direito, a brasiliense é pragmática. "São duas atividades que gosto,

mas depende das propostas de trabalho que surgem e do retorno financeiro que trazem", pondera.

Os pais da bailarina chegaram a Brasília já casados, em 1973. Como muitos outros funcionários públicos de todo país, Itacyr Uchoa Santiago, 67 anos, veio transferido do Banco do Brasil em Fortaleza para a capital federal. A mãe, Francisca Adilza Diniz Santiago, 62 anos, logo conseguiu emprego na cidade como professora primária. Além de Micheline, o casal teve mais dois filhos, o advogado Itacyr Uchoa Santiago Júnior, 28, e a psicóloga e também bailarina Monique

Diniz Santiago, 35 anos.

Em Brasília, Micheline analisa as dificuldades para profissionais que trabalham com arte. Pela falta de apoio financeiro a projetos culturais, muitos espetáculos não conseguem ter vida longa na cidade. Para a bailarina, isso acontece porque a capital federal está longe do chamado "circuito Rio — São Paulo."

A brasiliense garante que, por conhecer muitas pessoas em Brasília, não sente a "frieza" da população da cidade, tão propagada por gente vinda de outros estados. Mas admite que a característica possa estar presente na cultura da capital. "Essa imagem foi construída por causa da disposição física daqui, onde existe grande distância entre o Plano Piloto e as satélites. Isso é transmitido para o comportamento das pessoas", analisa.

**ONDE NASCEU**  
Hospital Santa Luzia, na Asa Sul

**QUEM ENAMORA**  
Pai e mãe careenses

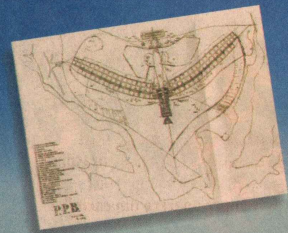
**LEMBRANÇA DE INFÂNCIA**  
"Caminhar no verde da cidade, sobretudo em frente ao Congresso Nacional"

**O QUE GOSTA EM BRASÍLIA**  
Parque da Cidade. "Gosto do contato com o verde, a natureza."



# Brasília 50 Anos

## BRASÍLIA SÓ EXISTE PORQUE PASSOU EM UM CONCURSO.



O Plano Piloto de Lúcio Costa passou por um concurso para ser aprovado. Se você tem novos planos para a sua vida, com um emprego seguro e recompensador, passe no **OBCURSOS** e prepare-se melhor para outros vôos.



Entre os candidatos pelo TSE em todo o Brasil, 4.530 dos aprovados são do Obcursos. Dos 47 primeiros, 35 também são do Obcursos, incluindo o 1º, o 2º e o 3º colocados.

**Brasília, **OBCURSOS** e Você.**  
Estamos todos de parabéns.

**OBCURSOS**.com.br

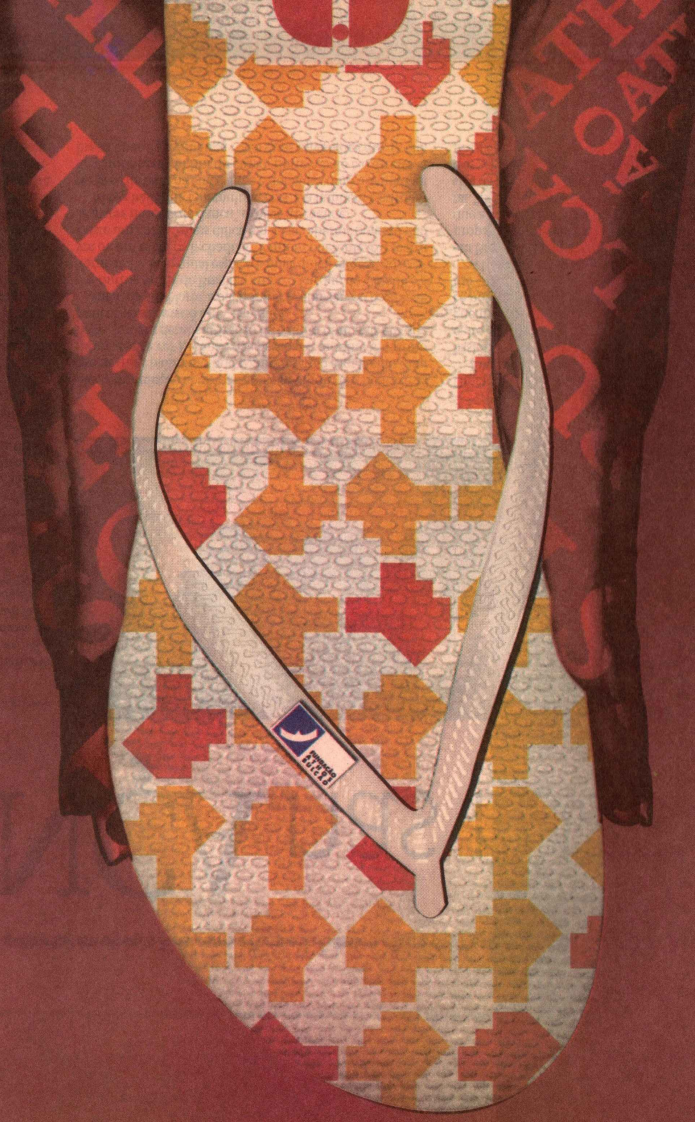
SINÔNIMO DE APROVAÇÃO

SIG, TAGUATINGA e ASA SUL

**3031-7777**



# [ CORREIO BRAZILENSE ]



APOIO INSTITUCIONAL

05/2009 - Site: www.brazilshopping.com.br





## TROQUE AS MÃOS PELOS PÉS

Para celebrar os 47  
anos de Brasília e os  
10 anos do Brasília  
Shopping, embalamos  
as duas histórias com  
a arte de Athos Bulcão.

Uma combinação  
perfeita para quem  
respira arte da cabeça  
aos pés.

Nas compras acima de R\$ 300,00 no Visa ou Visa Electron mais 10 reais, você  
pode escolher um dos seis modelos de sandálias assinadas por Athos Bulcão.

